



Damas Literárias

*Pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história* 

Volume 1

Organização:

Andréia Dias de Souza

Danyelle Almeida Saraiva

Flávio Amorim da Rocha

Jaqueline Alonso Braga de Oliveira

Allyce Ricardo Nantes Lopes

Ariane Raissa dos Santos Maldonado

Fernanda Nogueira Tashima

Karen Gota Gonçalves Rocha

Camila Rodrigues Cunha

Apoio:


Fundect

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Estudos,
Pesquisas e Inovações em Ciências de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

editora **ECO**
Didática

Damas Literárias
pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história 

Volume 1

Organização:

Andréia Dias de Souza
Danyelle Almeida Saraiva
Flávio Amorim da Rocha
Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Allyce Ricardo Nantes Lopes
Ariane Raissa dos Santos Maldonado
Fernanda Nogueira Tashima
Karen Gota Gonçalves Rocha
Camila Rodrigues Cunha

Campo Grande/MS
2023

Apoio:



Copyright © 2023 dos autores e da Editora Ecodidática

Os direitos de edição e publicação foram cedidos à Editora Ecodidática
Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-
NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND). Disponível em: [https://
creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Editor-Chefe: Gleidson Melo

Assistente Editorial: Marta Regina da Silva-Melo

Edição e diagramação: Gleidson Melo e Marta Regina da Silva-Melo

Capa: Projeto visual de Karen Gota Gonçalves Rocha | moldura (freepik.com)

Revisão dos textos: Profa. Dra. Andréia Dias de Souza, Prof. Dr. Flávio Amorim da Rocha,
Profa. Ma. Jaqueline Alonso Braga de Oliveira e Profa. Ma. Danyelle Almeida Saraiva.

Ilustrações: Danillo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares, Karen Gota Gonçalves Rocha
e Juliana Pereira de Jesus.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damas literárias [livro eletrônico] : pelo reconhecimento da escrita
feminina apagada pela história. -- 1. ed. -- Campo Grande, MS :
Editora Ecodidática, 2023.
PDF

Várias autoras.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85640-03-9

1. Cânones da literatura 2. Igualdade de gênero 3. Literatura
brasileira - Miscelânea 4. Mulheres na literatura 5. Textos - Produção.

23-173370

CDD-809.939287

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres na literatura : História e crítica 809.939287

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DOI: 10.56713/editoraecodidatica/85640039

Editora Ecodidática: <https://editoraecodidatica.com.br>

E-mail: contato@editoraecodidatica.com.br

WhatsApp: +55 67 3211-2328

Instagram: @editoraecodidatica.com.br

*Pela maior parte da história, “anônimo”
foi uma mulher (Virgínia Woolf)*

Sumário



Prefácio.....	10
Apresentação.....	13
Com a palavra: as idealizadoras do projeto.....	17

CAPÍTULO I

As Damas Literárias e suas Histórias: biografias.....	21
Maria Firmina dos Reis.....	22
Fernanda Nogueira Tashima	
Maria da Conceição Evaristo de Brito.....	25
Allyce Ricardo Nantes Lopes	
Josefina Álvares de Azevedo: uma mulher à frente de seu tempo.....	29
Isabelli dos Santos Guaripuna	
Júlia Lopes de Almeida.....	33
Dara Massuda Artero	
Francisca Senhorinha da Mota Diniz.....	37
Gustavo Moreno de Souza	
Carolina Maria de Jesus.....	41
Camila Rodrigues Cunha	

Carmen Dolores45
Camila Rodrigues Cunha

DOI: <http://doi.org/10.56713/editoraecedidatica/856400309.1>

CAPÍTULO II

Resenhas das Obras.....48

A Escrava, de Maria Firmina dos Reis49
Renato Oliveira Coelho Filho

Úrsula, de Maria Firmina dos Reis.....52
Ana Clara Soares do Nascimento
Raysla Monic de Oliveira Silva

**Insubmissas Lágrimas de Mulheres,
de Conceição Evaristo**57
Kauã Silva dos Santos

**O Voto Feminino, de Josefina Álvares
de Azevedo**.....61
Fernanda Ferreira Gonçalves

O Laço Azul, de Júlia Lopes de Almeida.....63
Dara Massuda Artero

**Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada,
de Carolina Maria de Jesus**.....66
Ariane Raissa dos Santos Maldonado

**A genial atemporalidade de uma Dama Literária:
um drama na roça, de Carmen Dolores..... 69**

Andréia Dias de Souza

DOI: <http://doi.org/10.56713/editoraecodidatica/856400309.2>

CAPÍTULO III

Benditos Frutos73

Parte I – Contos

**O desfecho, nem sempre é o fim:
Além do horizonte de Úrsula.....75**

Luiza Akemi Numata D’avila

Amor de bolso.....77

Maria Clara de Freitas Barcelos

Uma vez eu tive um sonho82

Fernanda Nogueira Tashima

O acordo84

Arthur Wust de Freitas Francischini

Parte II – Minicontos

Trauma 91

João Augusto Gomes Mascarenhas

Outra vida, outro lugar	92
Pedro Henrique Assunção Ferreira	
Amor além da vida	93
Isabela dos Santos Calado	
Cor “diferente”	94
Nicolas dos Santos Caramalac	
A arte	95
Gabriel Baldonado Santana	
O quadro	95
Gabriel Baldonado Santana	
Com sangue nas mãos e correndo pelos seus braços [...]	96
Angelina Quevedo Bakargi	
O voto feminino em miniconto	97
Isabela dos Santos Calado	
A exatidão equivocada	98
Isabela Amorim Leite	
Enjaulado pelo “gracioso” laço de fita [...]	99
Dara Massuda Artero	

Parte III – Poemas

Uma úlcera no meio da cidade [...]	101
Camila Rodrigues Cunha	

Importante	103
Maria Luiza Fernandes Silva de Souza	

Parte IV – Artigos de Opinião

Quadro de despejo: Diário de um país faminto	106
Fernanda Nogueira Tashima	

10 anos da Lei de Cotas: como as premissas da política se mostraram na prática?	110
Thales Partel Balduino Oliveira	

Machosfera (<i>Manosphere</i>): um conjunto de mazelas da internet	113
Kelvin Daniel da Boa Morte Cardoso	

Os desastres do capitalismo	118
Karen Gota Gonçalves Rocha	

Preso em um só coração	121
Kamily Dorileu Nantes	

DOI: <http://doi.org/10.56713/editoraecdidatica/856400309.3>

Referências	123
Posfácio	125
Organização	127
Ilustradores	129

Prefácio

Diante do espelho



Sempre que começo uma disciplina, faço aos meus alunos a seguinte provocação: Por que será que a gente lê literatura? As respostas costumam ser diversas e as mais comuns estão relacionadas a uma visão utilitária do texto enquanto suporte para que se aprenda a escrever melhor. Leva um tempo até que eu possa tentar fazê-los entender que ler literatura é um exercício de encontros. Por meio dela, conhecemos culturas, sujeitos com experiências diversas, lugares, tempos. Contudo, o encontro mais significativo é o que se tem consigo mesmo. É o que permite compreender que nos constituímos enquanto sujeitos nas diferenças. É o olhar para si diante do outro que desencadeia o senso de alteridade. É esse olhar que gera a empatia e, conseqüentemente, minimiza preconceitos e violências.

Ainda é preciso lutar por espaços na sociedade contemporânea. A luta é refletida na arte. Durante muito tempo, a predominância de uma literatura masculina, branca, heterossexual e europeizada não permitiu que outras formas de expressão chegassem ao público. Sujeitos marginalizados. Vozes caladas.

Estamos no ano de 2023. Ainda não é possível dizer que a situação é muito diferente. Todavia, a tecnologia e o acesso à informação têm facilitado a divulgação de conhecimentos de forma mais democrática. O caminho é longo, mas eu gosto de pensar que já não estamos no ponto zero. E não estamos sozinhos. Há desejo, há movimento, há luta!

E o Projeto Damas Literárias é um importante ato de resistência! Tenho acompanhado o trabalho desse grupo que, com muita competência e autoridade, vem apresentando, no espaço escolar, autoras brasileiras que sofreram um silenciamento histórico, pautado em um discurso hegemônico que tem suas raízes no machismo estrutural. Coordenada pela Professora Doutora Andréia Dias de Souza, a iniciativa tem o objetivo de divulgar obras escritas por mulheres, trazendo-as para discussão na escola e, a partir disso, incentivar os estudantes a produzirem seus próprios textos, tornarem-se autores de suas próprias histórias.

Nesta coletânea, portanto, o leitor conhecerá um pouco mais (ou terá o primeiro contato com): Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Senhorrinha da Mota Diniz, Carmem Dolores, Josefina Álvares de Azevedo, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. O livro está dividido em biografias, resenhas e textos autorais inspirados nas obras lidas e discutidas durante o desenvolvimento do projeto Damas Literárias, entre os anos de 2022 e 2023.

O leitor encontra-se diante de uma produção de jovens estudantes do ensino médio do *Campus* Campo Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul e pode observar, ao

aceitar nosso convite para adentrar a obra, o papel transformador da literatura na percepção desses sujeitos em formação. Pode testemunhar os encontros que eles tiveram diante do espelho e suas reflexões sobre a vida e a obra dessas mulheres que questionam, desafiam e resistem. Ao passar por estas páginas, os caminhos não permitem que você saia ileso da experiência.

Desejo a todos excelentes encontros!

Prof. Dr. Flávio Amorim da Rocha
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

Apresentação

“Agora que são elas!”
(Ditado popular)



A expressão “Agora que são elas” já foi nome de telenovela, duas edições do projeto musical encabeçado pela dupla Maiara e Maraísa com a saudosa Marília Mendonça, e é cristalizada pelo popular pré anúncio de que algo chegou num ponto complicado, de que deu ruim. Não por um acaso, dialoga muitíssimo com nosso trabalho.

No âmbito dos Estudos Literários, há uma histórica luta para que autoras femininas, atuais e dos séculos passados, ganhem seu reconhecido espaço no seletor cânone literário brasileiro. Um clássico exemplo de discriminação de gênero na área literária ocorreu na fundação da Academia Brasileira de Letras. Até os anos finais do século XIX, apenas homens poderiam assumir as cadeiras dos imortais, o que certamente contribuiu para a formação de um cânone literário brasileiro primordialmente de autoria masculina. Durante o processo de criação da associação, Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934), que atuou como idealizadora da ABL, não pode ocupar a cadeira que lhe era devida, a qual foi ocupada por seu marido. Qual era o motivo? Ela era mulher.

O projeto *Damas Literárias*, aprovado no *Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do Estado de Mato Grosso do Sul (PICTEC 2022)*, promovido e financiado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), foi criado com o objetivo de explicitar as grandes contribuições para o mundo das Letras deixadas por escritoras brasileiras que, como Júlia Lopes de Almeida, tiveram suas obras e narrativas de vida apagadas pela História.

Esta obra é fruto dessa pesquisa, realizada por mulheres, (jovens) pesquisadoras e entusiastas da literatura com o intuito de expor e acabar com preconceitos já vividos por diversas escritoras, e aspirantes, as quais, durante o exercício da profissão tiveram seus trabalhos diminuídos por leitores e pela crítica literária, não pela qualidade de seus trabalhos, mas por serem mulheres. A equipe foi inicialmente composta por 4 jovens pesquisadoras, discentes do Ensino Médio Técnico Integrado do IFMS, *campus* Campo Grande: Allyce Ricardo Nantes Lopes, Ariane Raissa dos Santos Maldonado, Fernanda Nogueira Tashima, Karen Gota Gonçalves Rocha; e pela coordenadora e idealizadora do projeto, professora Andréia Dias de Souza. Após o lançamento do projeto, duas outras pesquisadoras se juntaram à equipe: a estudante Camila Rodrigues Cunha e a professora Danyelle Almeida Saraiva.

A equipe realizou uma pesquisa a fim de selecionar as autoras e textos abordados pelo projeto. Os critérios de seleção foram dois: 1) Escritoras que produziram durante o século XIX e início do século XX; 2) Escritoras com textos que abordavam temáticas relevantes ao empoderamento de mulheres e meninas. Justifica-se o primeiro critério, porque são autoras pouco conhecidas pelo cânone, tendo suas

obras pouco mencionadas em currículos escolares. O segundo critério, para trazermos à baila autoras modernas, com maior repercussão na academia e que tenham em suas obras discussões relevantes à temática de nossa pesquisa.

Atendendo ao primeiro critério, abordamos as seguintes autoras e suas respectivas obras: Maria Firmina dos Reis (*A escrava e Úrsula*); Emília Moncorvo Bandeira de Melo, sob o pseudônimo de Carmen Dolores (*Um drama na roça*); Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz (*A Judia Raquel*); Josefina Álvares de Azevedo (*O voto feminino*); Júlia Lopes de Almeida (*O laço azul*). Atendendo ao segundo critério, selecionamos Maria da Conceição Evaristo de Brito (*Insubmissas lágrimas de mulheres*) e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada*).

Foram realizadas rodas de leitura e discussão para análise das obras selecionadas, convidando outros estudantes a participarem. Todas as sessões foram mediadas pelas jovens pesquisadoras da equipe, que trabalharam como mediadoras de leitura e foram responsáveis por organizar a discussão. Ao fim de cada roda de leitura, os participantes foram convidados a escrever algum tipo de texto autoral baseado na autora discutida ou em sua obra. Também contamos com ilustrações originais baseadas em arquivos e documentos das escritoras, utilizando a criatividade artística da equipe de ilustração, misturando diversas formas de arte para o desenvolvimento deste trabalho.

Pesquisaram, leram, opinaram e criaram e desse processo, surgiu esta obra. No capítulo 1, temos o resultado das pesquisas, do investigativo, desse primeiro resgate: a vida e história dessas escritoras contadas pelos discentes por meio de *biografias* das autoras. Há aqui também ilus-

trações dessas Damas Literárias feitas por uma das pesquisadoras e por outros dois estudantes. No segundo capítulo, temos as resenhas das obras abordadas e discutidas durante as rodas de análises. Finalmente, temos as elaborações artísticas e críticas das leituras e reflexões com os contos, poemas, minicontos e artigos de opinião, que compõem o Capítulo 3, intitulado *Benditos Frutos*.

Por fim, mas para o começo, importa retomar a ponta da linha inicial e fazer um novo laço. Revisitar as autoras, empreender um projeto de pesquisa e de escrita como este significa não só dar voz e vez as que antes não o tiveram. É ir além. É abrir uma fenda na história refazendo-a. E isso se torna grandioso e potente quando vemos que por entre a abertura, antes negada, tod@s cabem. Os corpos subjogados, desautorizados a muito a se inscreverem resistiram, e as próximas páginas mostrarão que eles venceram.

Esta apresentação inicia a obra que é, de fato, um ponto de tensão nessa longa e trabalhosa - primorosa- caminhada. O uso da mesma estrutura, da letra e da frase para desdizer o efeito de sentido proposital. É, parece que agora deu ruim de novo. Se antes tiradas do cânone; agora dentro. Se não divulgadas; agora estudadas. Se não valorizadas; agora sim. Se antes não publicadas; agora aqui. Por isso a escolha e a repetição desse, justo esse, ditado popular. Agora é com, é por, e é para elas.

Profª Dra. Andréia Dias de Souza
Profª Ma. JABO - Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

Com a palavra: as idealizadoras do projeto



Um projeto dessa magnitude sempre foi meu sonho como docente e como mulher, membro de uma sociedade cujos ideais patriarcais arraigados acarretam na reprodução de condutas e discursos machistas e excludentes. Finalmente, entre 2022 e 2023, pude materializar esse sonho neste trabalho que agora, tão orgulhosamente, é apresentado.

Agradeço, primeiramente ao centro de tudo, Alfa e Ômega, princípio e fim, meu Deus, Senhor de minha vida. Obrigada por me permitir chegar até aqui. Em segundo lugar, agradeço ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), instituição que amo, em que atuo e que me ofereceu as condições para desenvolvimento deste projeto. Agradeço também à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo financiamento concedido por meio do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do Estado de Mato Grosso do Sul (PICTEC 2022) a esta proposta.

Sem a participação, atuação e envolvimento de todas as alunas e alunos que elencam esta obra como jovens escritoras e escritores, a realização desse sonho não seria possível.

A vocês, meus mais calorosos e sinceros agradecimentos. Especialmente, sem a dedicação e desempenho de minhas 5 jovens pesquisadoras (Allyce, Ariane, Camila, Karen e Fernanda) isso jamais seria possível. Obrigada, minhas jovens Damas, sem vocês, este livro, não teria saído do plano das ideias. Obrigada, por sonharem comigo e por ajudarem a concretizar esse sonho.

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes de minha vida: Rafael e Maria Caroline, meus amados filhos. Vocês são minha força e toda minha vida. (Dra. **Andréia Dias de Souza**. Coordenadora do projeto Damas Literárias)

“Eu agradeço muito pela oportunidade de fazer parte desse projeto. Consegui aprender muitas coisas, principalmente no que se refere a questões de socialização, já que eu tinha dificuldades para desenvolver diálogos com pessoas que eu não conheço. Com as rodas de leitura que foram realizadas, essa dificuldade foi diminuindo. Além disso, o sentimento de fazer parte de algo em que, não apenas eu, mas também todos os envolvidos são importantes para o desenvolvimento do projeto, também foi muito bom. O fato de todo mundo se apoiar e se ajudar, fazendo com que o Damas Literárias desse certo foi, certamente, a melhor parte”. (Allyce)

“Foi um prazer enorme fazer parte deste projeto, contribuindo para a erradicação das formas de discriminação contra as mulheres e ainda para o desenvolvimento pessoal daqueles que participaram dessa jornada de muita pesquisa e diálogo que nos trouxe até aqui.

Creio que esta obra foi e será capaz de mudar a visão de muitos a respeito do lugar da mulher na sociedade e, assim, contribuir para um mundo mais igual.

Agradeço a oportunidade de participar e agradeço aos colegas e professores que trabalharam junto conosco, meus agradecimentos também aos que nos ouviram e a todos a quem esta obra alcançar. Encerro com as palavras de Ryane Leão “Meu recado às mulheres: contem suas histórias. Descubram o poder de milhões de vozes que foram caladas por séculos.” (Ariane)

“Eu sou muito grata por fazer parte de algo tão necessário como o Damas. Ajudar no funcionamento do projeto foi muito especial para mim como aluna, mas especialmente como mulher. Ler e discutir sobre mulheres que inspiram fez várias meninas, inclusive eu, descobrirem-se capazes de muito, e não há nada mais gratificante do que esse sentimento de força feminina sentido nas nossas rodas de leitura. Uma experiência incrível, envolvendo uma equipe de mulheres talentosas que torceram muito pelo projeto. O Damas Literárias é especial para todas nós que lutamos para outras não caírem no esquecimento e para que finalmente possamos ter o nosso reconhecimento.” (Camila)

“São poucas as palavras que descrevem a importância que participar desse projeto teve em minha vida. Normalmente, quando eu me envolvo em algo, me jogo de cabeça, para logo depois aquela sensação calorosa esfriar. Fazer parte de algo com tantas pessoas maravilhosas e dedicadas em prol de uma causa tão “nossa” me realizou muito, e saber que este livro pode atingir outras mulheres, como me atingiu, dá a certeza de que tudo valeu a pena. Nada foi muito fácil, mas com essa equipe incrível, até as dificuldades se tornavam mais leves, estimulando-me a sempre tentar fazer um pouquinho a mais por nós. Cara Virginia Woolf, 'anônimo' são será mais utilizado pelas meninas e mulheres das futuras gerações.” (Fernanda)

“Participar do Damas Literárias foi um prazer imenso, conseguir voltar a desenhar foi uma das melhores partes, estava há quase um ano parada e, finalmente, ter motivação foi algo muito importante pra mim.

Trabalhar com pessoas tão competentes me inspirou demais, e me fez perder bastante da vergonha com relações sociais. Definitivamente, trabalhar neste projeto vai fazer parte das lembranças boas que valem ser lembradas.” (Karen)



Capítulo I

As Damas Literárias e suas Histórias: biografias

Fernanda Nogueira Tashima

Allyce Ricardo Nantes Lopes

Isabelli dos Santos Guaripuna

Dara Massuda Artero

Gustavo Moreno de Souza

Camila Rodrigues Cunha

Maria Firmina dos Reis



Ilustração: Karen Gota Gonçalves Rocha



Escrito por
Fernanda Nogueira Tashima



Maria Firmina dos Reis, filha e neta de escravas alforriadas, nasceu no dia 11 de março de 1822 em São Luís, capital do estado do Maranhão, local onde buscou tornar-se professora. Com seu prestígio acadêmico e participação ativa na imprensa local promovendo diversas obras, Firmina publicou, em 1859, o romance abolicionista *Úrsula*, uma obra revolucionária, possivelmente o primeiro romance publicado na América Latina por uma mulher negra.

Tendo completado seus 55 anos, decidiu se aposentar, fundando a primeira escola mista e gratuita do Estado do

Maranhão, na cidade de Maçaricó. A população se mostrou bastante agitada com a novidade acadêmica e, por essa razão, após curtos 30 meses, as atividades escolares tiveram que ser suspensas pelo bem da instituição.

Apesar de ter se aposentado, Maria não se manteve estática e publicou mais um conto abolicionista, dessa vez a partir do ponto de vista de uma mulher branca, conquistando a simpatia do público leitor.

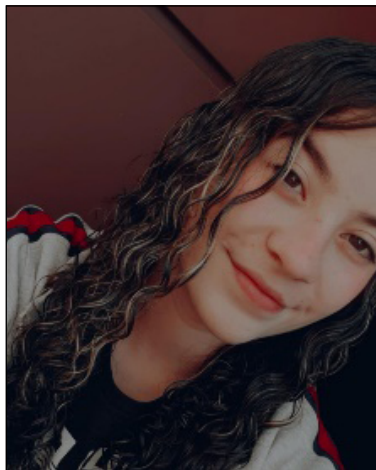
A escrava foi uma obra publicada em 1887, e até hoje possui espaço nos corações e mentes do povo brasileiro. Durante sua vida inteira, Firmina dedicou-se à leitura, à escrita, ao ensino e à pesquisa, sempre prezando pela liberdade física e intelectual. Sua participação no movimento antiescravista também deixou resquícios em suas narrativas indianistas e feministas, trazendo à tona problemas sociais que presenciava.

Em 1917, Maria Firmina dos Reis se foi, deixando marcas de sua existência forte e nobre nas suas contribuições sociais.

Maria da Conceição Evaristo de Brito



Ilustração: Karen Gota Gonçalves Rocha



Escrito por
Allyce Ricardo Nantes Lopes



No dia 29 de novembro de 1946 nasceu Maria da Conceição Evaristo de Brito, uma mulher que se tornaria uma grande escritora no futuro. Antes que isso ocorresse, ela passou por diversas situações até conquistar esse título, e nessa biografia você saberá um pouco mais da história dessa grande mulher.

Ela nasceu em Minas Gerais, em uma favela de Belo Horizonte. Sua mãe, Joana Evaristo, tinha mais oito filhos além de Conceição, e o sustento da família vinha do trabalho da mãe como lavadeira. Joana não tinha boas condições para criar a filha, mas sempre a incentivava nos estudos.

Quando Conceição completou sete anos, ela recebeu permissão de sua mãe para ir morar com um casal de tios que possuía melhores condições para criá-la. Em 1958 ganhou seu primeiro prêmio de literatura, com uma redação produzida quando estava na escola, chamada “Por que me orgulho de ser brasileira”.

Com seus 17 anos, aderiu ao movimento da Juventude Operária Católica, que promovia reflexões sobre a realidade brasileira. Por volta de 1971 ela finalizou o Curso Normal (a formação mínima para quem pretendia trabalhar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental naquela época), porém foi somente em 1973, depois de prestar um concurso público, que ela conseguiu um emprego como professora e se mudou para o Rio de Janeiro. Um tempo depois, em 1987, Conceição Evaristo entrou para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, a partir de então, as questões étnicas começaram a fazer parte de suas produções. No ano de 1990 ela publicou seus primeiros poemas e contos na série *Cadernos Negros* do grupo *Quilombhoje*, dois anos depois iniciou o Mestrado em Letras pela PUC-Rio, concluído em 1996. Sete anos depois ela publicou seu primeiro romance, chamado *Ponciá Vicêncio*, e quatro anos depois conquistou dois prêmios, o Camélia da Liberdade e o Prêmio ORI.

Já em 2011, Conceição termina o Doutorado pela Universidade Federal Fluminense, e nesse mesmo ano lança seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que possui vários contos com mulheres exercendo o papel de protagonistas e de heroínas. Em 2012 ela ofertou cursos sobre a “escrivência de mulheres negras” e “inscrições de afro-brasilidade” no Middlebury College Summer Schools, nos Estados

Unidos. No ano de 2015 ganhou o mais tradicional prêmio literário do Brasil, o prêmio Jabuti.

Em 2018 Conceição buscou fazer parte da Academia Brasileira de Letras como a primeira mulher negra a conseguir esse título, mas mesmo com todos os seus anos de estudo, prêmios e suas grandes obras, ela não conseguiu ingressar na Academia.

Hoje suas obras ainda são aclamadas pelo público, e Conceição Evaristo continua trabalhando na área da literatura, promovendo palestras e participando de eventos com os temas que ela aborda em suas obras, mostrando o poder e a garra das mulheres.

*Josefina Alvares de Azevedo:
uma mulher à frente de seu tempo*



Ilustração: Danillo Henrique Ibrahim Fontoura Tavares



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna



Escritora, jornalista, professora e poetisa, Josefina Álvares de Azevedo foi uma personagem fundamental na luta incessante pela garantia dos direitos civis e democráticos das mulheres, dedicando-se intensamente à defesa do sufrágio feminino. Além disso, fundou o jornal *A Família*, escrito exclusivamente por mulheres, o qual tratava de questões relativas à família e à figura materna. Há diversas divergências nos registros sobre a vida dela, como a de ser irmã por parte de pai do escritor Manoel Antonio Álvares de Azevedo (1831-1852), apesar de em suas declarações afirmar que ele era seu primo e não seu

irmão, ou a de que ela nasceu em 5 de maio de 1851 em Itaboraí (RJ) e faleceu em 1 de setembro de 1913 no mesmo Estado, enquanto ela afirmava que sua terra natal era Recife (Pernambuco).

Por volta de 1877, Josefina sai de Recife e segue para São Paulo, ocasião em que funda o jornal *A Família* e, seis meses depois, muda-se para o Rio de Janeiro, com expectativas de melhores oportunidades para divulgar suas ideias. Inicialmente o jornal defendia a educação como ferramenta essencial para a independência feminina, por meio de exemplos estrangeiros e nacionais de mulheres que se distinguiram por sua atuação profissional. Posteriormente o meio de comunicação virou um veículo de propaganda do direito feminino ao voto.

Em julho de 1889, ela faz uma viagem a algumas cidades do Norte-Nordeste do Brasil, sendo recepcionada por colegas da imprensa e visitando educandários públicos e particulares, sedes de vários jornais, além de órgãos públicos, objetivando conquistar mais assinantes para seu jornal, conseqüentemente possibilitando mais adesões para a causa que abraçara.

Em 1890, por meio do artigo *O Direito ao Desenho*, Josefina ampara o sufrágio feminino no Brasil e, no mesmo ano, escreve a comédia *O voto feminino*, texto teatral emblemático no movimento. Criticando a resistência masculina em aceitar a participação feminina nas questões políticas, a peça foi encenada no Teatro Recreio Dramático, um dos mais populares do Rio de Janeiro na época.

Mais tarde, reuniu textos do jornal, editou-os na coletânea *Retalhos* e publicou *A mulher moderna*, que reunia

textos publicados na seção *A Emancipação da Mulher*, da revista *A Família*. Também há registros de publicações no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Seus textos circularam até 1897, ano de publicação de *Galleria illustre* (Mulheres célebres), seu terceiro e último livro de que se tem notícia.

Infelizmente e assim como muitas autoras brasileiras, Josefina faleceu sem ver conquistadas as causas que tanto defendia, no entanto deixou uma enorme contribuição social, cultural e histórica:

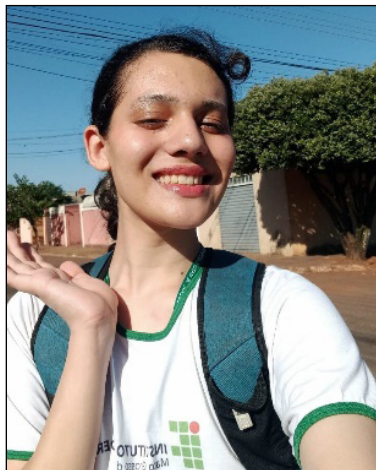
(...) seus textos fizeram o solo fértil para o crescimento do movimento sufragista de mulheres que despontou na década de 1920 e culminou, após mais de uma década, na aprovação em 1930 do primeiro projeto de lei que previa o direito de voto às mulheres, garantido finalmente no Código Eleitoral estatuído pelo Decreto 21076/1932, que estatuiu pela primeira vez na história o voto feminino no Brasil. (MIGALHAS, 2021).

Suas narrativas, seus versos, seu texto teatral e praticamente tudo o que escreveu e publicou foi com o objetivo não só crítico, mas também de questionar e mostrar ao público que seria possível viver em uma sociedade mais igualitária e justa para homens e mulheres.

Júlia Lopes de Almeida



Ilustração: Karen Gota Gonçalves Rocha



Escrito por
Dara Massuda Artero



Júlia Lopes foi uma escritora carioca nascida em 24 de setembro de 1862, mas ainda criança mudou-se para uma fazenda em Campinas. Filha de portugueses, recebeu uma educação liberal, e com o suporte do pai, que descobrira que a filha escrevia às escondidas, aos 19 anos publicou seu primeiro texto para *A Gazeta de Campinas*. Já em 1884 começou a escrever para o periódico *O País*. Não se engane, seu trabalho enquanto escritora não surpreendia simplesmente pela pouca idade, mas principalmente porque os jornais e periódicos eram completamente monopolizados por homens.

Em 1886 mudou-se para Portugal, onde se casou com o escritor português Filinto de Almeida. No ano seguinte lançou seu primeiro livro, em coautoria com a irmã Adeline Lopes Vieira (1850-1923), intitulado *Contos Infantis*, sendo pioneira na literatura infantil brasileira, que não era muito disseminada. Aos 24 anos publicou seu primeiro livro adulto, chamado *Traços e iluminuras*. Em 1888 retornou ao Brasil, onde publicou seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, em folhetim na Tribuna Liberal.

Considerada por uma parte dos estudiosos como uma feminista, Lopes defendia a abolição da escravatura, o sistema republicano, o divórcio, o voto e a educação formal das mulheres. Suas obras refletiam principalmente sobre a condição social feminina, a partir de sua própria visão interseccional (não podemos desconsiderar que sua experiência enquanto mulher foi repleta de acessos e privilégios de cor, etnia, classe e cisgeneridade).

Sua história ainda é repleta de contradições. Com ideias liberais em defesa dos direitos civis, a escritora é frequentemente associada ao Naturalismo (movimento cultural e artístico manifestado na literatura que, entre muitas outras, tem como característica o Darwinismo Social).

Em *A Falência*, uma de suas obras mais consideradas pela crítica, a autora descreve uma personagem negra como “mulata” e escreve que em razão de sua “raça”, ela estima menos seus “superiores” quando tratada com bondade, conforme se observa em um trecho da obra mencionada: “Mas as meninas ficaram, trouxeram a rastos uma esteira, sentaram-se nela e a Noca não teve remédio senão cortar os vestidos das bonecas e ainda dar-lhes agulhas, linhas e retalhos. Distribuído o serviço, levantou-se. Nina passava

a caminho da despensa e sorriu-lhe; mas a mulata mal correspondeu ao cumprimento, enjoada pela bondade daquela criatura. A culpa era do sangue, da sua raça, que menos estima os superiores quanto mais estes a afagam. Por isso ela morria de amores por Mário, um rapazinho atrevido, de gênio autoritário e palavras duras.”

Logo após a Proclamação da República (1889), inspirados na “Académie Française de Lettres”, um grupo de intelectuais começou a arquitetar a Academia Brasileira de Letras, dentre eles Júlia Lopes era a única mulher. Apesar de sua participação ativa no planejamento da ABL, ela não pôde ocupar nenhuma cadeira na instituição por ser mulher, contudo seu marido foi aceito na Academia.

Entre 1913 e 1918, Júlia e seu marido moraram novamente em Portugal. De volta ao Brasil, foi uma das fundadoras da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher. Residiu em Paris entre 1925 e 1931. Morreu vítima de malária aos 71 anos em 30 de maio de 1934. Por sua condição de mulher caiu no esquecimento da crítica especializada até por volta da década de 80.

Francisca Senhorinha da Mota Diniz



Ilustração: Karen Gota Gonçalves Rocha



Escrito por
Gustavo Moreno de Souza



Pimeiramente, quem foi Francisca Senhorinha da Motta Diniz? Ela foi uma escritora, educadora e jornalista brasileira que lutava pelo direito das mulheres, assim como ela retratou em seu livro *A judia Raquel*. Infelizmente não há registros da data de seu nascimento, apenas o local, São João del-Rei, Minas Gerais. Era filha de Gertrudes Alves de Melo Ramos e Eduardo Gonçalves da Mota Ramos, e foi casada com o advogado José Joaquim da Silva, com quem teve duas filhas, Albertina Diniz e Elisa Diniz Machado Coelho.

Cursou o magistério para instrução de nível primário, chegando a lecionar em Minas Gerais e depois em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde por fim fixou residência. Já viúva, fundou e dirigiu a Escola Doméstica do Colégio Santa Izabel, na rua do Lavradio, juntamente com as filhas que se tornaram escritoras. Após formada, segue durante quinze anos administrando a escola, cuidando de suas filhas e começando na carreira jornalística no semanário *Estação*, escrevendo sobre moda.

Pouco tempo depois inicia a produção de seu mais importante projeto, o semanário *O Sexo Feminino*. Uma de suas frases é: “Desejamos que os senhores do sexo forte saibam que, se nos podem mandar, em suas leis, subir ao cadafalso, mesmo pelas ideias políticas que tivermos [...], também nos devem a justiça de igualdade de direitos, tocante ao direito de votar e o de sermos votadas.”

O semanário *O Sexo Feminino* teve início no interior de Minas Gerais, e até 1873 a publicação chegou à tiragem de 800 exemplares e com leitores por várias cidades. Apesar desse sucesso, Francisca se muda para o Rio de Janeiro e traz consigo o jornal reeditado, que perdurou de 1875 a 1890 na cidade carioca. *O Sexo Feminino* foi a primeira publicação que tratou sobre a questão dos direitos das mulheres abertamente, diferentemente do que ocorreu na obra *A judia Raquel*, com abordagem mais discreta da temática, e após exaltar os direitos femininos, ela finalizou a ideia dando razão e crédito ao homem. Além disso, semanalmente eram discutidos assuntos como literatura, cultura, artigos de temas considerados tabus, novidades sobre o movimento feminista mundial e outros. Francisca se tornou uma inspiração com seu jornal, sendo considerada pioneira na

abordagem dessas temáticas, uma inspiração para vários outros veículos que vieram depois.

Com uma grande demanda, nas primeiras edições em solo carioca, *O Sexo Feminino* ultrapassou a marca de quatro mil exemplares. Dos mais ricos aos mais pobres, muitos recebiam um exemplar, até os monarcas Pedro II e a princesa Isabel. Após a Proclamação da República, o nome do semanário passou a ser *O quinze de novembro do sexo feminino*, com o foco principal na criação de uma coluna que tratasse exclusivamente sobre o sufrágio feminino, com ênfase na emancipação feminina por meio da educação física, moral e intelectual.

Em conjunto com sua filha Albertina da Motta Diniz, escreveu o romance *A Judia Rachel* em 1886. Com um projeto audacioso para sua época, Francisca Senhorinha quebrou barreiras, lutou com letras e um papel pelo direito das mulheres às suas vidas. Colocou o dedo na ferida de uma sociedade ainda em desenvolvimento e deixou um legado imenso: que cada um de nós tem o dever de questionar tudo o que achamos que esteja errado e nunca devemos deixar de lutar e buscar pelo conhecimento. Como na obra *A judia Raquel* são usadas muitas referências cristãs, podemos deduzir então que ela era cristã. Outro elemento que merece destaque é que ao longo da obra é possível perceber os possíveis lugares onde ela e sua filha escreveram.

Francisca Senhorinha da Motta Diniz faleceu em 30 de outubro de 1910, no Estado do Rio de Janeiro e na cidade de mesmo nome.

Carolina Maria de Jesus



Ilustração: Karen Gota Gonçalves Rocha



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, município do Estado de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Tendo mais de sete irmãos, neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, só foi ter seu primeiro incentivo aos estudos com sete anos. A ideia veio de Maria Leite Monteiro de Barros, uma freguesa de sua mãe. Ingressou na escola Alan Kardec, e lá cursou a primeira e a segunda séries do ensino fundamental. Mesmo com pouco tempo frequentando a escola, Carolina desenvolveu um grande apreço pela leitura e a escrita. Por conta do trabalho de sua mãe como lavadeira, a família não ficava muito tempo vivendo em um mesmo lugar. Antes de se mu-

darem para São Paulo, ela e sua família foram para Lageado no ano de 1924, e lá eles trabalharam como lavradores em uma fazenda, e no ano de 1927, voltaram para Sacramento.

Em 1930, Carolina e toda sua família se mudaram para a cidade de Franca, no estado de São Paulo, ainda como lavadora e posteriormente como empregada doméstica. Aos 23 anos ela sofreu com a perda de sua mãe, e decidiu ir para a capital de São Paulo, dando continuidade ao seu trabalho como empregada doméstica. Em 1948 se mudou para a favela do Canindé, e nos anos seguintes se tornou mãe de três filhos.

Ela se manteve na favela trabalhando como catadora de lixo durante a noite, e durante o dia escrevia sobre seu cotidiano. Foi apenas em 1941 que resolveu ir atrás do seu sonho de ser escritora, indo até a redação do Jornal da Folha da Manhã. No dia 24 de fevereiro, teve seu primeiro poema publicado, um louvor a Getúlio Vargas. Depois disso, continuou a produzir seus poemas, ficando conhecida como “a poetisa negra”.

Em 1958, o jornalista Audálio Dantas do jornal da Folha Noite foi produzir uma reportagem sobre a favela do Canindé e acabou visitando a casa de Carolina, que lhe apresentou seu diário. O jornalista ficou empolgado com sua história, e em 19 de maio de 1958, o jornalista publicou uma parte dos registros do diário e recebeu muitos elogios por isso. No ano seguinte, em 1959, a revista *Cruzeiro* publicou mais trechos do diário e obteve um bom retorno do público. Já em 1960, aconteceu oficialmente a publicação do livro autobiográfico intitulado *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, uma edição de Audálio Dantas. Apenas na primeira noite de autógrafos já foram vendidos 600 exemplares, um sucesso de vendas!

Dessa forma, Carolina Maria de Jesus se mudou da favela, e nos anos seguintes comprou uma casa no Alto de Santana. Ela também recebeu uma homenagem da Academia Paulista de Letras e da Faculdade de Direito de São Paulo. Em 1961, viajou para a Argentina e recebeu o título honorífico da *Orden Caballero del Tornillo*.

Após a grande fama de seu livro, Carolina também publicou outras obras, como *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1965). Chegou a gravar um disco com composições próprias, mas suas obras não estavam mais tendo o sucesso alcançado pela primeira publicação.

Carolina Maria de Jesus veio a falecer no ano de 1977, no dia 13 de Fevereiro, em Parelheiros, distrito da cidade de São Paulo. Por ter alcançado apenas um grande sucesso, o nome da autora já não estava mais em evidência para o grande público, mas no ano seguinte à sua morte, seu primeiro livro foi relançado pela editora Ediouro, na tentativa de não deixar que a obra caísse no esquecimento. Em 1986, quase dez anos depois de seu falecimento, sua obra póstuma *Diário de Bitita* foi publicada no Brasil. No entanto, esse livro já tinha sido publicado, no ano de 1982, em Paris, com o título: *Journal de Bitita*.

A escritora só foi ter o seu nome valorizado nos últimos anos, quando suas obras caíram no gosto dos leitores e dos críticos. Carolina começou a ganhar mais reconhecimento, surpreendendo todos com sua história e sua mente à frente de seu tempo, sendo considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do país, com sua obra *Quarto de aespejo: Diário de uma favelada* se tornando uma campeã de vendas.

Carmen Dolores



Ilustração: Juliana Pereira de Jesus

Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



Emília Moncorvo Bandeira de Melo (conhecida pelo seu pseudônimo de Carmen Dolores) nasceu em 11 de março de 1852 no Rio de Janeiro. Filha de Carlos Honório e de Emilia Dulce, irmã de um médico e de uma figura que frequentava os jornais do Rio, não se tem muitas informações sobre seus familiares. Emília não teve uma educação básica, o que era normal para as mulheres do período - o máximo de ensino que teve foi aprender Latim, pois a influência da igreja fazia o ensino dessa língua ser requisitado. Devido a esses ensinamentos, Emília se interessou por alguns filósofos e clássicos da época, tendo seu primeiro contato com a literatura.

Casou-se aos 15 anos, no dia 15 de setembro de 1867, com um advogado, com quem teve seis filhos, sendo Cecília Moncorvo Bandeira de Mello (1870-1948) uma filha que se tornou escritora.

Emília Moncorvo assinava suas obras como Carmen Dolores, foi uma forma que a autora encontrou para proteger suas produções literárias. Ela foi uma escritora naturalista e contista brasileira, e após o falecimento de seu marido, ela precisou escrever para se manter financeiramente.

Escreveu grandes obras como *Gradações* (contos, 1897), *Um Drama na Roça* (1907) e sua obra mais famosa, *A Luta* (1911), que só foi oficialmente publicada um ano após a sua morte, já que antes disso só havia sido publicado em folhetins em 1909. Suas publicações ficaram marcadas por apresentarem humor ácido, presença forte da defesa feminina e muita coragem para a época. Participou de debates a favor da educação feminina e do divórcio.

Morreu no ano de 1910, tendo o reconhecimento de suas escritas só nos dias atuais, saindo do esquecimento por meio de pesquisas realizadas na linha de resgate da literatura de autoria feminina.



Capítulo II

Resenhas das Obras

Renato Oliveira Coelho Filho

Ana Clara Soares do Nascimento

Raysla Monic de Oliveira Silva

Kauã Silva dos Santos

Fernanda Ferreira Gonçalves

Dara Massuda Artero

Ariane Raissa dos Santos Maldonado

Andréia Dias de Souza

A Escrava, de Maria Firmina dos Reis



Escrito por
Renato Oliveira Coelho Filho



O conto “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, escrito em 1887, apresenta a questão da escravidão sob uma perspectiva outra que não a do próprio escravizado, mas a de uma pessoa livre que sente empatia diante da dor da personagem subjugada.

A história tem início com uma cena em um salão onde há pessoas conversando. Ouvem-se alguns comentários racistas, o que dá início a uma discussão sobre o regime de

escravidão. Uma senhora se pronuncia, liderando o debate e narrando um episódio que lhe ocorreu há algum tempo.

A história é sobre a vida de uma escrava fugitiva, uma mulher que se liberta e depois é recapturada. Já estava enlouquecida pelas surras que tomava, mas principalmente por ter perdido seus dois filhos, que foram vendidos para o tráfico de escravos.

Em uma das fugas, a personagem, que se chama Joana, tenta se esconder de seu dono quando se depara com uma senhora que imediatamente lhe ajuda a se esconder e despistar o malfeitor. É essa senhora que nos conta a história. Quando a situação se acalma, outro personagem surge na narrativa. Gabriel é filho de Joana que a procurava desesperadamente e pergunta à senhora se ela havia visto a sua mãe, dando-lhe a sua descrição.

Após a senhora explicar a situação a Gabriel, ela o leva até sua casa e provê os devidos cuidados para Joana, que se encontra à beira da morte. A senhora, curiosa sobre a situação, depois de dois dias os questiona. Gabriel começa a falar quando é interrompido por Joana, que insiste em contar a história por si mesma.

Joana narra que sua mãe era africana e seu pai, indígena, mas de cor fusca. Ele era livre e sua mãe escrava. Seu pai sempre trabalhou muito e conquistou uma certa quantia que usaria para comprar a liberdade de sua filha. Um dia chama seu senhor e lhe entrega o dinheiro dizendo que seria para comprar a liberdade de Joana. O homem responde que, tão logo fosse à cidade, traria a carta. Após um longo período de espera, a carta é finalmente entregue ao pai. Ele, que não sabia ler, fica em êxtase e agradece o senhor.

Alguns anos após a morte de seu pai, Joana, aos 7 anos de idade, é colocada para trabalhar pelo senhor. A mãe, confusa, cumpre a ordem. Nunca havia passado pela cabeça de seu pai que aquela carta pudesse ser falsa. Quando a mãe descobre, sofre um mal súbito e morre.

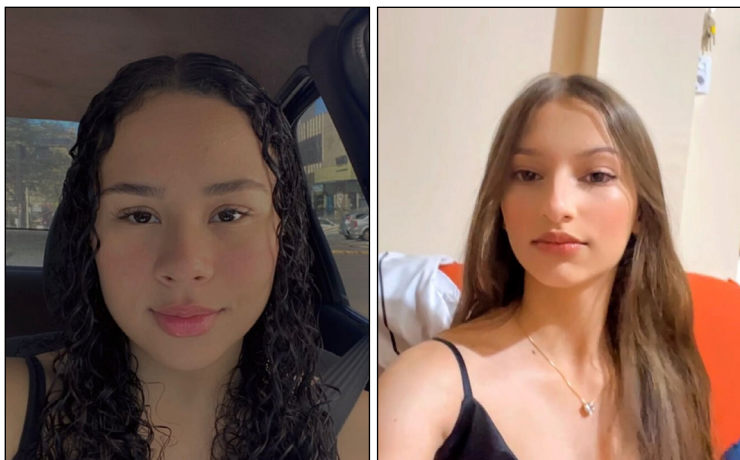
Joana, um pouco mais forte, implora à senhora que proteja seu filho Gabriel, pois se ele for pego morrerá sob o açoite e lamenta do fundo do coração não poder ver seus dois filhos, Carlos e Urbano, que foram arrancados ainda crianças de seus braços.

Joana, ao terminar de contar a história de seus dois filhos, já está sem forças e sua morte é inevitável. Naquele momento, um homem aparece à porta, o mesmo que estava atrás da foragida...

Percebemos com esta obra a forma como a autora aborda a questão da escravidão, não pela perspectiva do escravizado, mas pela de um terceiro, no caso, uma mulher livre que foi tocada ao ouvir a história da pobre fugitiva. Usar a dor de uma mãe ao perder seus filhos como exemplo do que acontecia à época permite, principalmente, que as mulheres se identifiquem com essa dor.

Esse conto, lançado no auge da campanha abolicionista, escrito por uma mulher negra, acabou esquecido por muito tempo, mas hoje, ao receber seus devidos méritos, é exemplo de resistência ao racismo e ao machismo.

Úrsula, de Maria Firmina dos Reis



Escrito por
Ana Clara Soares do Nascimento e
Raysla Monic de Oliveira Silva



O livro relata o romance entre Úrsula e Tancredo. A jovem é branca, típica personagem romântica. Sua família vem de um passado bem sucedido, mas, com o tempo, empobrece. A mãe está acamada há 12 anos e seu pai foi assassinado.

Inicialmente, a autora traz a descrição da paisagem brasileira em um estilo próprio do período romântico. Em meio à natureza descrita, conhecemos Tancredo, um

jovem de família abastada que apresenta vários problemas familiares. Ele sofre um acidente e é socorrido pelo escravo Túlio, que o leva para a casa de Luiza B. No decorrer do enredo, Tancredo e Úrsula se apaixonam, mas, em meio a esse romance, surge uma terceira pessoa, formando-se, assim, um triângulo amoroso. Esse terceiro personagem moverá céus e terras, se preciso for, para que o casamento entre Úrsula e Tancredo não aconteça.

Maria Firmina dos Reis consegue fazer algo inovador para o romance brasileiro: dar voz a personagens que sequer eram considerados pela sociedade da época. Os escravos Túlio, Susana e Pai Antero são apresentados de uma forma que faz com que o leitor perceba sentimentos e a dor da escravidão. Vale lembrar que, para a época, não era comum olhar para um escravo como ser humano. Portanto, o que Maria Firmina faz em sua obra é chamar a atenção para o contexto social em que estavam inseridos esses sujeitos.

Observemos o prólogo do romance, escrito pela própria autora:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversão dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p. 7).

Maria Firmina, sabendo de sua posição social à época, nos apresenta sua obra como se pedisse desculpas. Ao lermos, percebemos que a autora já sabia que a obra não teria boa aceitação na sociedade daquela época. Sabendo disso,

ela usa até mesmo um pseudônimo: “uma maranhense”, com medo de ser julgada.

A obra aborda um romance que traz a idealização dos personagens e do amor, mas temos como eixo principal o abolicionismo. Úrsula é considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro. Nas primeiras páginas, já conseguimos perceber que a autora quer dar voz ao escravizado e usa o romance como uma forma de abordar o assunto, tanto que, por vezes, a temática da negritude se sobrepõe à história de amor que envolve a personagem que dá nome ao livro.

“Duas Almas Generosas.” (p.9)

No primeiro capítulo do romance, o escravo Túlio encontra Tancredo, que é descrito como um homem igual a todos. O título “Duas Almas Generosas” desafia a ideia de que o negro é ruim desde que nasce. O fato de que o leitor só descobre a situação de Túlio no decorrer do texto evidencia o objetivo da autora de desmistificar uma ideia de superioridade dos brancos sobre os negros.

O romance apresenta duas temáticas principais: o amor e a escravidão. Na segunda parte, a autora apresenta Túlio e Susana: um afro-brasileiro e uma africana. Túlio perde sua mãe e aspira pela liberdade, materializando a representação desse desejo que perpassa a obra. Susana foi tirada de sua família. Ela representa as lembranças do processo de sequestro que os povos africanos sofreram. Há relatos do seu sofrimento e das condições precárias do navio negreiro que a trouxe para o Brasil. São passagens de muito pesar e dor, e, mais uma vez, de humanização do escravo na obra.

Conhecemos, também, a história de Antero, um escravo alcoólatra. Com isso, pode-se analisar o contraste da situação, já que na África, ele afirma que bebia o vinho da palmeira como uma forma de celebração religiosa representando a felicidade. No Brasil, o consumo da cachaça representa o vício como uma forma de escapismo da sua realidade. É como se a autora quisesse contrapor Antero a Susana. Ela como uma mulher forte que consegue vencer a escravidão; ele, um homem que se cansou de tentar. As passagens sobre os personagens escravos possibilitam ao leitor pensar sobre como era grande o sofrimento dessas pessoas ao ponto de desistirem da vida.

Outro aspecto interessante da narrativa é o fato de Maria Firmina utilizar reticências ao invés de datas e lugares definidos, o que torna possível uma generalização sobre a história da escravidão no nosso país.

Patriarcalismo

Para que a matastes? Não era ela tão inocente e tão bela? A dor do seu coração feriu o meu, e o seu sangue tingiu-me os vestidos. Esse ato inútil crueldade faz-me aborrecer-vos. (p. 93).

Observamos, também, o tema do patriarcalismo no livro, que retrata a repressão às mulheres nos séculos passados em nosso país. Úrsula é uma moça pura, mas sofre diversos infortúnios, como o assassinato do seu pai e a doença de sua mãe. Ainda assim, ela age com bondade e obediência às leis divinas e o mesmo se dá com a sua mãe. Ao

longo do enredo, percebemos que a vida para nenhuma das mulheres do universo narrado em *Úrsula* é fácil, o que nos faz refletir sobre ser mulher naquela época; e há ainda um agravante: ser mulher e negra.

Por esses e muitos outros motivos, recomendamos a leitura dessa obra que permite vivenciar experiências únicas com a narrativa da autora Maria Firmina dos Reis.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo

Amor verdadeiro: resenha do conto Shirley Paixão



**Escrito por
Kauã Silva dos Santos**



O conto se inicia com Shirley Paixão relatando uma situação que viveu e afirmando, com todas as suas forças, não ter se arrependido do que fez.

Shirley era casada com um homem viúvo que tinha três filhas. As meninas chegaram muito jovens à sua casa. Ela já tinha duas e todas tinham idades parecidas, então não demorou muito para que selassem uma irmandade.

Seni, que era a mais calada das filhas, sentia o peso de cuidar de todas, inclusive da própria Shirley, que tentava desviá-la dessa responsabilidade. Seu pai a cobrava muito. Como consequência dessa cobrança, não só por parte dele mas dela mesma, a menina era sempre acima da média na escola e fazia tudo com extrema perfeição. A professora, desconfiada, questiona Shirley sobre a severidade dos pais. Ao comentar com o pai da menina, ele fica furioso e só não agride a menina fisicamente porque Shirley está por perto. Seni, apavorada, abraça Shirley com tanta força que parecia querer se refugiar dentro dela.

O homem, não se sentindo contente de ter gritado com a filha e aproveitando que Shirley estava dormindo, vai ao quarto que ela divide com as outras meninas, puxa-a violentamente da cama. Age diferentemente de todas as noites quando a leva para o fundo da casa para machucá-la. Porém, naquela noite, Seni adquire coragem, a partir do pavor e do medo que estava sentindo, grita por ajuda, acordando suas irmãs, que pedem socorro ao pai, já que não reconheceram na figura do agressor a imagem paterna. Shirley acorda apavorada, imaginando como e quem teria invadido a sua casa, quando se depara com a cena: um homem tentando agarrar, possuir e violentar o corpo nu de uma menina.

Shirley, para defender a filha, pega um pedaço de ferro que tinha no quarto, parte para cima dele, e o acerta com um golpe tão forte que ele cai imóvel no chão. Não estava morto, embora ela assim o desejasse. Durante um novo ataque, uma vizinha a segura. A menor das crianças havia saído para pedir ajuda. Após o ocorrido, o homem foi preso, assim como Shirley, que teve que ficar um período na cadeia por quase ter matado o marido.

Anos depois, elas seguem a vida. Das meninas, três já lhe deram netos. Seni e a mais nova ainda moram com Shirley, e a união entre elas está mais forte com a chegada das netas. Seni ainda tenta superar as dores do passado. Pode-se dizer que há algum progresso quando se observa o dom de proteger e cuidar de pessoas em seu trabalho como pediatra.

É muito difícil acreditar que essa história tenha acontecido de verdade. No entanto, é mais comum do que se possa imaginar. Um exemplo desses numerosos casos é o de uma menina de 2 anos chamada Sophia, estuprada três dias antes de ser morta em 26 de janeiro de 2023, no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.



Ilustração do conto *Shirley Paixão*: por Juliana Pereira de Jesus

Há registros de mensagens trocadas por Stephanie de Jesus da Silva e Christian Campoçano Leitheim, as quais mostram que a mãe e o padrasto combinaram uma justificativa para a morte da menina. Um casal homossexual, que aguardava decisão judicial sobre o processo de adoção, desabafa: “A burocracia nos fez perder a nossa filha”. Reiteram, ainda, que se não fosse pela falha de comunicação entre o Posto de Saúde e o Conselho Tutelar, a filha deles poderia estar viva. Eles já haviam solicitado a guarda da menina, porém não obtiveram sucesso.

Shirley nos mostra o que é o amor e a coragem de uma verdadeira mãe, além de mostrar ao leitor que não são somente os laços sanguíneos que devem ser levados em consideração. Mesmo não tendo gerado as meninas em seu ventre, elas desenvolvem uma forte ligação emocional e física.

A história de Shirley é sobre amor verdadeiro, é sobre a ligação entre pais e filhos, é sobre luta, é sobre coragem, é sobre carinho, é sobre proteção, e é sobre resistência.

O Voto Feminino, de Josefina Álvares de Azevedo



Escrito por
Fernanda Ferreira Gonçalves



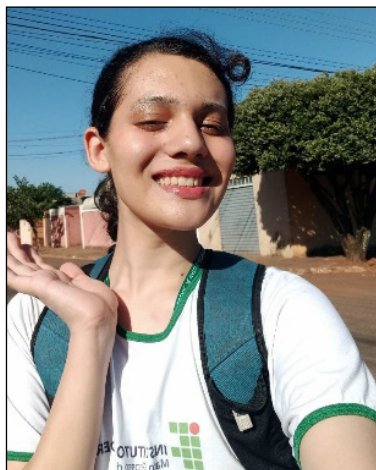
O *Voto Feminino* é uma peça teatral escrita por Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913) em 1890, inserida em uma coletânea intitulada “A Mulher Moderna”. A autora foi jornalista, escritora e uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. O direito à democracia no país foi garantido em 1989, com a Proclamação da República. Josefina inicia a luta pelo direito à democracia para as mulheres, escrevendo a comédia de costume por volta de um ano depois do marco histórico.

A escritora fundou o jornal *A Família*, constituído inteiramente por mulheres e que defendia, principalmente, a educação feminina.

Se fosse para definir “O Voto Feminino” em uma frase, creio que seria a ideia de “rir da própria desgraça”. A obra teatral gira em torno dos conflitos de uma família composta por quatro pessoas e seus dois criados, cujas desavenças ocorrem por conta das opiniões divergentes sobre o direito das mulheres de votarem e serem votadas – lei que está em análise durante a narrativa. Abordando um tema muito polêmico para a época, “O Voto Feminino” foi escrito com o objetivo de ridicularizar a resistência masculina à ideia. Um dos pontos fortes da obra é que, apesar do tom irônico e satírico, a autora vai além e apresenta personagens com diferentes pensamentos e “níveis” de aprovação concernentes ao tema. Isso traz um tom mais realista, e permite o desenvolvimento dos conflitos.

Levando em consideração o contexto da época e as dificuldades para as mulheres receberem o devido reconhecimento (como Júlia Lopes de Almeida, que não pôde ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mesmo sendo umas das fundadoras), é certo afirmar que “O Voto Feminino” é uma leitura importante que retrata uma luta diária da época de forma bem-humorada. Para uma experiência completa, é recomendado ler os outros textos do livro *Mulheres Modernas*. Em suma, é inegável que o voto feminino foi uma das maiores conquistas do feminismo brasileiro, pois abriu as portas para uma infinidade de outras vitórias que estariam por vir.

O Laço Azul, de Júlia Lopes de Almeida



Escrito por
Dara Massuda Artero



O *Laço Azul* é uma obra marcante de Júlia Lopes, justamente por trazer uma série de características que representam bem seu estilo de trabalho, muito associado ao Realismo e Naturalismo literários.

A trama se ambienta no século vinte e retrata a história conflituosa de duas gêmeas que se apaixonam pelo mesmo homem. A construção das personagens meninas é tipicamente determinista; na sua condição de gêmeas, a sua

conexão é narrada como transcendente ao que se tem como normal. Tudo o que uma gosta, a outra também gosta; tudo que uma odeia, a outra também odeia; tudo que uma pensa e sente, a outra também pensa, e sente... Dessa forma, seus destinos amorosos acabam por ser igualmente congênicos.

Em um primeiro momento, não se sabe ao certo por qual das duas moças o jovem e disputado Raul se apaixona (elas são iguais fisicamente e, para evitar burburinhos, as irmãs não saem de casa ao mesmo tempo). Calhou que, na complexa realidade, naturalmente abafada pelas famílias de bons nomes dos jovens apaixonados, o rapaz conhece e se apaixona por ambas, sem saber que não são a mesma pessoa. A solução encontrada pelo pai das meninas foi conceder a mão de Lucila a Raul, a gêmea com quem o galã troca olhares pela primeira vez. Esse é o acontecimento central do enredo, que impulsiona a vida das personagens a uma sucessão de tragédias: culpa, solidão, sofrimento, adoecimento... e morte.

A obra, na minha visão, é uma denúncia da conjuntura patriarcal, que corrobora de todos os lados para o adoecimento das irmãs. Um pai misógino que negligencia as necessidades emocionais das filhas, e que as vê como “decorativas” e demasiadamente escandalosas.

Uma sociedade monogâmica na qual a percepção de valor e segurança econômica da mulher é diretamente proporcional ao seu estado civil; e onde o livre amor (quando exercido por mulheres, claro) é uma ofensa moral capaz de afastar parceiros de negócios e arruinar social e economicamente uma família. Esses são fatores decisivos no adoecimento das irmãs e nos desdobramentos fatídicos do conto.

A trágica narrativa nos faz questionar: será mesmo que todas as desgraças que a paixão traz à vida das meninas são inevitáveis? Será mesmo que elas simplesmente não nasceram para o amor? Seria a mera natureza das irmãs o problema? Seria a existência das mulheres mais uma vez a causa de todas as mazelas? Ou será que o problema não está em uma sociedade cínica, que prioriza falsos dogmas em detrimento da saúde das mulheres e de todos que não se adaptam aos seus falhos moldes morais?

Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada, de Carolina Maria de Jesus

Os olhos que não veem



Escrito por
Ariane Raissa dos Santos Maldonado



Quarto de Despejo: Diário de uma favelada é uma obra autobiográfica escrita por Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, que narra a história em primeira pessoa de uma catadora, mãe, moradora da favela do Canindé, preta e semianalfabeta. É uma obra de grande importância, pois traz visibilidade e representatividade a 16 milhões de pessoas moradoras de 11.403 favelas existentes no Brasil, segundo o IBGE.

A maioria dessas pessoas marginalizadas é negra. Logo, a pobreza no Brasil tem cor e afeta por volta de 6 milhões de brasileiros.

Em 25 de maio de 2020, George Floyd foi brutalmente assassinado em Minneapolis, nos EUA. O mundo se comoveu e muitos foram à rua pedindo a condenação do policial que o matou. Houve dias repletos de discursos anti racistas. Aqui mesmo no Brasil, com o movimento “Vidas Negras Importam”. Dizem, mas não questionam o fato de que seu país é composto por 54% de pessoas negras que, em sua maioria, não ocupam lugares de destaque ou posições de poder.

Todos os estereótipos que envolvem pobreza e criminalidade estão ligados ao povo negro. Esses olhos dispersos precisam notar que a pátria amada ainda precisa ser salva.



Ilustração de uma cena de *Quarto de despejo*: por Juliana Pereira de Jesus

Pessoas como Marielle Franco não podem ser silenciadas, o brado tem que ser retumbante para que haja igualdade. Para o povo negro há um sonho intenso de Liberdade, com braços fortes desafiam todos os dias a própria morte. Em seios há esperança de um futuro de grandeza, na terra adorada onde a população alienada grita todos os dias: Oh! Pátria amada.

Obras como a de Carolina Maria de Jesus trazem à discussão o cotidiano desses sujeitos marginalizados diariamente. Ao superar inúmeras limitações e ter sua obra publicada, a autora nos convida para dentro da favela, abre as portas da comunidade e revela o que para as classes abastadas é melhor não ver. Quarto de Despejo é um retrato e é um grito por socorro que escolhem não ouvir. Ele ecoa partindo dos meus antepassados. É contínuo, é brutal. Ouço-o agora, no momento em que finalizo este texto.

*A genial atemporalidade de uma
Dama Literária:
Um drama na roça de Carmen Dolores*



Escrito por
Andréia Dias de Souza



Publicado em 1908, *Um drama na roça* é uma coletânea de 26 contos que traz a visão precisa e sagaz de Carmem Dolores acerca da sociedade da época e das mazelas que assolavam, e ainda assolam, a alma humana, especialmente a feminina. Por meio de uma narrativa fluida, a autora desfere sua pungente crítica a respeito de assuntos atemporais, cuja relevância social vence as barreiras impostas pelo tempo.

A maior parte dos contos dessa coletânea apresenta personagens femininas cujas personalidades, vontades e dramas são poeticamente detalhados e expostos, trazendo à baila, no alvorecer do século XX, tópicos que só estariam sob os holofotes sociais um século mais tarde: relacionamentos tóxicos, dependência emocional, abandono de idosos, dentre outros. Esse caráter da autora foi destacado por Risolete Maria Hellmann, “Essa mulher disse em 1905, 1906 e 1907... tudo o que ainda está engasgado na minha garganta de feminista de meias medidas” (Hellmann, 2015, p. 13).

Essa característica tão peculiar foi apontada por Coelho Neto ao redigir o prefácio da primeira edição de *Um drama na roça*, ao caracterizar a autora como “exímia analista d’almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que ela, com a arte sutil de Ariadne, transforma em teia rútila, tão fina, tão delicada, tão graciosa que o espírito nela se prende e fica, como em um halo de luz, gozando, embevecido, o encanto.”

Suas análises das almas trouxeram-nos narrativas como a de Laura, em *O derivativo*, que vivia com um marido infiel, caprichoso, violento e ingrato e, mesmo consciente de tal situação, via-se aprisionada nesse relacionamento tóxico “Ah! Como aquele homem a torturava, abusando do seu amor, da sua fraqueza!” (Dolores, 2021, p. 140) “Laura ficava ignorando como devia proceder para sair desse horrível círculo vicioso, dentro do qual se debatia como em uma gaiola de ferro” (*Ibidem*, p. 144).

Carmem traz a dependência emocional feminina em um relacionamento tóxico comparada, brilhantemente, a uma “moléstia incurável” de “um doente perdido, para o qual todos os remédios são inúteis”. A narrativa apresen-

ta um único alívio para tamanho sofrimento: um derivativo, que dá título ao conto, como uma distração a fim de possibilitar ao doente terminal um vislumbre de alívio ao conduzir sua atenção a uma direção diferente. Que outra solução, em uma época em que esse assunto sequer era abordado, seria possível a uma alma feminina aprisionada pela toxicidade de um parceiro violento?

Em outro momento, a autora expõe as mazelas que a elevação do dinheiro ao *status* de autoridade suprema da sociedade traz à vida de uma mãe e viúva falida, que se vê impotente perante a busca por subsistência de sua família: “Levantando o véu, enterrou o rosto nas mãos, desatou a chorar aos arrancos, com soluços roucos, sacudida toda pela pungente sensação da sua miséria, da sua fragilidade de mulher, do seu desamparo e da inutilidade de todo o esforço para reagir contra a corrente da adversidade” (*Ibidem*, p. 92).

A perspicácia e sensibilidade de Carmem ao analisar a alma humana se refletem na descrição dos últimos dias de vida de uma idosa, mãe, sogra e avó abandonada pela família no *crepúsculo* de sua vida. No conto *Crepúsculo*, somos brindados com a sensível narrativa de uma idosa abandonada pelos seus que, mesmo com condições financeiras de acolhê-la, abandonam-na à própria sorte em seus últimos dias de vida. O abandono de idosos já é abordado, de modo perspicaz por meio de uma crítica feroz nesse conto, levando-nos a concordar com a visão da personagem, que “Espera apenas a morte libertadora, como as trevas da noite sucedendo a um infundável e martirizante crepúsculo” (*Ibidem*, p. 196).

Essa obra atemporal foi, e ainda é, injustamente negligenciada pelos currículos escolares. *Um drama na roça*

“maneja multidões” (Lopes, 2001, p. 91) e nos permite um encontro pessoal com cada personagem. Em cada linha, a cada palavra é como se ouvíssemos a genial voz de Carmen a nos dizer “Aqui estou eu, sou de tua época, do teu momento, dos teus nervos, que quero discutir as tuas ideias e vibrar contigo” (Joe, 1908, p.2).

Emília Moncorvo Bandeira de Mello, sob diversos pseudônimos, dentre eles o de Carmen Dolores, deve ser roteiro certo ao se trabalhar a disciplina Literatura Brasileira, especialmente os períodos do Realismo e Naturalismo “e a figura desta escritora original, ardente e vigorosa, merece ficar em destaque permanente na galeria dos nossos escritores, de todos os tempos” (Almeida, 1910, p.1).



Capítulo III

Benditos Frutos



Luiza Akemi Numata D'ávila
Maria Clara de Freitas Barcelos
Fernanda Nogueira Tashima
Arthur Wust de Freitas Francischini
João Augusto Gomes Mascarenhas
Pedro Henrique Assunção Ferreira
Isabela dos Santos Calado
Nicolas dos Santos Caramalac
Gabriel Baldonado Santana
Angelina Quevedo Bakargi
Isabela Amorim Leite
Dara Massuda Artero
Camila Rodrigues Cunha
Maria Luiza Fernandes Silva de Souza
Thales Partel Balduino Oliveira
Kelvin Daniel da Boa Morte Cardoso
Karen Gota Gonçalves Rocha
Kamily Dorileu Nantes

Parte I – Contos

*O desfecho, nem sempre é o fim:
Além do horizonte de Úrsula*



Escrito por
Luiza Akemi Numata D'avila

Texto inspiração: *Úrsula* (Maria Firmina dos Reis)



Abrindo lentamente os meus olhos sinto o baque da claridade da manhã, estou desnordeada, tentando refrescar minha memória. Falho miseravelmente na missão! Então, rapidamente olho ao redor e me encontro só.

Trajo vestes simples e brancas. São leves, macias e confortáveis. Levanto-me e caminho pelo gramado bem aparado, sentindo a brisa agradável pentear meus cabelos.

Meu coração salta ao vê-lo caminhar lentamente, como as ondas chegam na areia. Chamo pelo seu nome e o semblante satisfeito me tira um sorriso honesto.

Corro em direção ao meu amado, seus braços me confortam e lágrimas teimosas deixam meu olhar.

– Finalmente seremos felizes, Úrsula!

E em seguida, um tranquilo beijo para conter tamanha saudade. Caminhamos abraçados pelo campo bem cuidado, farto de bens naturais. O cheiro da terra molhada me transmite relaxamento. Sua mão aponta para um bem-te-vi saudável a cantarolar. Percebendo a nossa presença, a pequena ave voa para uma árvore próxima de nós. Tancredo se aproximou com cuidado para não assustá-la. Retira do galho uma bela flor branca e me entrega.

– Agradeço a Deus pela dádiva de te encontrar no céu, querida.

Amor de bolso



Escrito por
Maria Clara de Freitas Barcelos

Texto inspiração: *Úrsula* (Maria Firmina dos Reis)



Vimo-nos apenas uma vez. Só uma vez bastou para que esse ser humano alugasse um apartamento de dois quartos (uma suíte), um lavabo e sala de estar acoplada com a cozinha completa em minha mente. Sei quem ele é? Sei o nome completo. Falei com ele? Se uma conversa superficial de não mais do que 15 palavras contar... sim. Não sei quando, como ou por que, mas me encontro pensando sobre, mais vezes (e por mais tempo) que o usual.

Mais uma vez me vejo imaginando cenários, confesso que é bastante divertido pensar nas árvores de possibilidades em tais cenários.

É verdade que não o vi *apenas* uma vez, ver eu o vejo sempre (também não *sempre*, regularmente). Em uma quarta-feira qualquer, no meio da tarde, *a luz dos olhos seus se encontrou com a luz dos olhos meus, que frio que me dá o encontro desse olhar*. Logo senti-me incendiar! Toda a melancolia que um dia passou por meus pensamentos transformou-se em cinzas.

Tento discorrer sobre boas justificativas para meu interesse repentino, porém não conheço nenhuma. Sua gentil aparência que, aos meus olhos, é mais bela do que o florescer das árvores na primavera; seus singelos dotes e competências científicas apenas o tornam mais sublime, tudo isso numa simples troca de olhares. É o que chamo carinhosamente de *amor de bolso*. Um brotinho de amor que cabe em qualquer bolso, guardado nos fundos da memória, onde ficam aquelas lembranças bobas, que quando vêm à tona, fazem a gente rir.

Após alguns dias de trocas de olhares regulares, enquanto eu abria a porta para entrar na sala de aula, ele saía da porta ao lado e me dirigiu um “oi”, um singelo cumprimento, saudação educada, bastante cordial. Foi o necessário para um acesso de sentimentos confusos de minha parte. Vejo-me caindo em um infinito céu cor-de-rosa. Meus sentimentos são um paradoxo: meu coração palpita ansiedade e desespero de tanta felicidade. Por um momento pensei que não seria capaz sequer de respondê-lo, senti uma leve falta de ar e borboletas rodopiando no estômago. Em um rápido reflexo o respondi com outro “oi”, esboçando um sorriso aberto e entrei.

Tal cumprimento não ocorreu em vão, mais tarde naquele mesmo dia recebi mensagens daquele que poderia ser um grande amor. Conversamos, não por muito tempo, mas um diálogo mais substancial do que qualquer um travado entre nós. Ganhei pela primeira vez um “boa noite” daquele que na madrugada visitava meus sonhos. Deitei a cabeça no travesseiro e revivi toda a nossa conversa até meus olhos se cansarem, acreditei não poder jamais dormir nenhuma noite tão plena quanto aquela.

Em seguida, os dias amanheciam ensolarados, estávamos no auge do verão, com sua estrela magnífica brilhando acima de todos, o firmamento azul como o mar e como o brilho do olhar daquele que hoje amo. A facilidade como este homem me conquistou é memorável (mas não única), rápido como um piscar de olhos, o que era um brotinho de amor não cabia mais em um bolso e agora precisava guardá-lo com todo meu ser, meu ser completamente derretido por suas ações e feições.

O que faço agora? Perdi-me na magnitude desse amor, aprendi a amar toda e cada nuance de ser do outro, sem nenhuma certeza de retribuição, apenas uma infinda e vulnerável expectativa de que ele se sentiria da mesma forma. Não sei se pergunto, nem como pergunto. E se quando eu lhe perguntar sobre seu sentimento ele disser que não era nada disso? Que era apenas uma amizade? Ou que ele dirigia seu amor a outra pessoa? Seria eu imbecil de cair neste amor? Estaria eu fantasiando demais? Não tenho respostas, apenas questionamentos.

Decido não perguntar, não desejo a verdade se me for dolorosa. Prefiro me deleitar com minhas próprias fantasias, assim não sofro. No meu imaginário tudo flui per-

feitamente, não preciso de ninguém, apenas de mim e de minha mente pensante, que já me satisfaz de modo suficiente, tudo perfeito... Porém, e se quando eu o questionar, ele disser que corresponde aos meus sentimentos? Já vi o brilho nos seus olhos ao falar comigo, mas também não sei se o brilho era por mim, pode ser pelo assunto a respeito do qual conversávamos (é um de seus tópicos favoritos), ou até por uma coincidência causada pelos raios de sol ou pela luz do luar.

Penso demais, penso tanto e não chego a nenhuma conclusão. Não tomo nenhuma decisão e fico sem direção de destino. O amor é tão confuso e sem noção, tem muitas formas e simbologias variadas, é muito complicado pensar o que o outro realmente diz com determinada ação ou fala. Sentimento labiríntico faz a mente de qualquer um criar nós e mais nós do que surge como uma tentativa de estabelecer linhas de raciocínio.

Ainda que o comportamento humano seja bastante previsível - quando se ama, cego se torna - tudo ao redor passa a ser um grande borrão cor-de-rosa e a atenção se dirige a um único objeto. O coração toma a mente e o corpo para si, tentando de tudo para atender a seus desejos e alienações. Apesar de não entender o amor, sei como ele opera nos corpos.

Já tive muitos desses amores. Nos ônibus, nas ruas, nas praças, lugares onde tenho a mente vazia e a companhia de desconhecidos. No ônibus, sentada, me deparo com um garoto que acaba de entrar, trocamos olhares e um sorriso, já posso nos imaginar no cinema, segredando paixões. Na rua, andando entre muitas pessoas, esbarro em alguém, que diz: “me desculpe, tudo bem?”, eu respondo: “sim, tudo

bem”, mais uma vez a troca de olhares e mais sorrisos, novamente me sinto caindo em nuvens rosadas e as borboletas no estômago. Na praça, de bicicleta, uma moça me alcança e pedalamos lado a lado, trocamos olhares, começo a pedalar mais rápido e brincamos de corrida, ela vence, como a mais veloz e eu a vejo seguir até o fim da trilha, me pergunto se o brilho nos seus olhos era admiração ou o vento batendo em seu rosto.

São os amores de bolso: se iniciam em um piscar de olhos e se encerram da mesma forma, para que se iniciem novamente. É o amor, em sua pura intensidade, nos menores intervalos de tempo. Não podem crescer, senão não caberão mais em um bolso e perdem seu propósito. Eu tenho coletado alguns e é preciso ter um grande bolso para coletar vários. Por mais que meu bolso esteja cheio, sempre cabe mais um.

Uma vez eu tive um sonho



Escrito por
Fernanda Nogueira Tashima

Texto inspiração: *Shirley Paixão* (Conceição Evaristo)



Acordei no meu quarto, e estava tão escuro que não era possível dizer se meus olhos estavam fechados ou abertos, e o silêncio, que deveria ser como a ausência do som, era ensurdecedor a ponto de repercutir em meu corpo todo, mesclando-se com as batidas do meu coração.

Uma névoa incomum parecia se espalhar pelo quarto, ela tinha cheiro de tabaco vencido e barzinho de esquina.

Entrando em contato com minhas pernas, lentamente ela se espalhava, e deixava como rastro um tipo de sedativo, que adormecia meu corpo, quase como se estivesse em um coma. Eu sentia, eu pensava, eu via, mas me mexer era impossível.

Tão de repente quanto chegou, a névoa e os odores se foram, me deixando com o silêncio, que lentamente tomava sua forma usual de paz, deixando meu coração acelerado sem um par para dançar.

Ainda me lembro disso quando vou dormir, sem saber ao certo se realmente aconteceu ou não, e às vezes me pego olhando para a porta do quarto pensando: Será que um dia aquela névoa vai voltar para me assombrar?

O acordo



Escrito por
Arthur Wust de Freitas Francischini

Texto inspiração: *A judia Raquel*
(Francisca Senhorinha da Mota Diniz e A. A. Diniz)



Andando em meio à tortuosa estrada de chão, Eurico, sentado em seu burro, dirigia-se até sua casa. Nesse momento aproveitava os últimos instantes que possuía para olhar as folhas caídas na terra, símbolo da estação que sempre admirara - o outono - pois sabia que ao encontrar sua esposa e filhas terá de ser o algoz da felicidade.

A situação financeira nunca foi muito favorável em sua família, porém nos últimos anos havia se tornado derradeira. A falta de produtividade do solo e as intensas estiagens atrapalhavam muito o trabalho no campo e o impediam de conseguir melhor sucesso e, em contrapartida, as contas e o arrendamento da terra estavam cada vez mais altos.

Eurico precisava suportar tudo isso. Pai de quatro filhas, não teve a sorte de ter um filho homem para o ajudar no campo. Mas muito pior do que isso, é que elas já estavam se tornando moças, a mais velha Lúcia, “Pobre Lúcia, creio que não poderemos fazer nada”, pensou, recém havia completado seus dezoito anos. Como ele, um simples homem do campo, sem dinheiro, poderia garantir um futuro digno às suas provenientes? Necessitava casar suas filhas. Não desejava a elas o mesmo destino que a mãe: de ter que trabalhar arduamente com serviço pesado para o sustento da casa. Contudo, não imaginava que esse problema disporia de uma solução tão hedionda.

Há algumas semanas, o Coronel Matos, dono das terras da região, o importunava sobre um acordo. Este homem não possuía nenhum escrúpulo, era violento e sujo, utilizava seu dinheiro e influência para exercer poder sobre a região. Eurico sabia que nada poderia fazer, antes de mesmo de pensar em si, sua esposa e filhas vinham à mente. Não podia deixar aquele lugar, aquele trabalho. Onde mais morariam? Que dinheiro teriam?

Após alguns minutos, Eurico já conseguia avistar sua humilde casa de palafitas. Parou de pensar nas folhas e nos problemas que o rodeavam. Era o momento de encarar a realidade, por mais dolorosa que pudesse ser. Apeou do burro e o deixou no curral. Ao se deparar com a porta da

frente de sua casa, exitou... Sabia que bem atrás dela havia cinco rostos ansiosos, com a esperança de palavras de conforto. Sabendo que não poderia realizar o desejo de sua família, com pesar, adentrou seu lar.

Sua esposa, Vera, vestia um avental e estava encostada no balcão da cozinha, as quatro meninas se encontravam sentadas à mesa. Todas viraram seus olhos para a entrada naquele instante, aguardando com medo quais palavras seriam proferidas pelo homem.

- Diga pai, o que houve? - quebra o silêncio Vitória, a caçula.

- Por favor, meninas, vão para o quarto, precisamos conversar sério. Lúcia, fique aqui - diz Eurico. As garotas obedecem sem muito furdunço.

Lúcia era uma jovem de beleza admirável, possuía os cabelos ondulados e castanhos como o carvalho, sua pele era morena e macia. O maior destaque de sua beleza, porém, eram seus olhos. Possuíam um azul tão deslumbrante como o do oceano. Naquele momento estava muito nervosa, não conseguia mais olhar para o pai. Passou a fixar o olhar em um copo disposto sobre a mesa, como se aquilo fosse a única coisa no mundo que importasse.

- Filha...

A garota elevou a visão até o pai, que já não estava mais parado à porta, havia se sentado ao lado de Vera. Lúcia fitou aqueles olhos verdes, os quais demonstravam ternura e preocupação ao mesmo tempo.

- Coronel Matos não mudou de ideia. - diz Eurico.

- Mas como? Tu disse que iria convencê-lo, que pos-

suía uma proposta melhor! - esbraveja Vera com os nervos à flor da pele.

- Eu tentei! - Eurico coloca as mãos na cabeça atordoado - O Coronel está determinado a se casar com Lúcia. Falou que as condições do acordo não mudaram.

- Quem esse homem pensa que é? Ele não pode cobrar mais de nós e nos castigar por conta disso. - diz Vera.

- Ele pode, tem o controle das terras e da influência política regional. Disse que se Lúcia não se casar com ele, irá dobrar a taxa de arrendamento e mandará seus capatazes atrás de mim. Tentei negociar na hora, falei que iríamos trabalhar dobrado, qualquer coisa, menos esse acordo. Porém, segundo Matos, se aceitarmos os termos, ele diminuirá a cobrança e nos dará mais terra para cultivar e não precisaríamos pagar o dote por Lúcia.

- Pai, sei que casar com ele é o melhor a se fazer pela nossa família - Lúcia fala com um olhar triste em direção à figura paterna.

- Não, minha filha, de forma alguma. O Coronel é terrível, todas as suas falecidas esposas sofreram em vida no casamento. Não pode aceitar esse destino.

A jovem observa seus pais, ambos com uma clara ansiedade e raiva estampadas na face. Ela sabe que a situação sempre foi difícil financeiramente em casa, seus pais trabalhavam muito para ganhar pouco para sustentar as filhas, e que estava cada vez pior. Pensou em suas irmãs, casando-se com o Coronel, poderia garantir uma vida melhor a elas, o dono da região havia prometido cuidar para que elas tivessem um bom futuro, mas como confiar nas palavras de um ser tão violento?

– Lúcia, minha querida - Eurico segura as mãos de sua primogênita junto às dele - Você não precisa fazer isso por nós. Seu pai e sua mãe já são velhos, podemos dar conta de qualquer maneira de cuidar de vocês, nem que seja preciso trabalhar noite e dia. Tu ainda tem uma vida toda pela frente.

– Pai, mas e a meninas? Se eu não aceitar o acordo, nossa condição só irá piorar. Como vocês conseguirão mantê-las e ainda pagar os dotes para elas conseguirem um marido? Caso-me com o Coronel Matos, isso ainda previne vocês de terem que pagar meu dote, desabafa Lúcia.

– Não, minha filha, não! Eu, como sua mãe, a proíbo! Você vai ficar aqui conosco. Imagina, abandonar sua casa e ter que ir morar sozinha na casa daquele louco! Diz Vera, que se levanta da cadeira e abraça a menina. As duas começam a chorar.

– Mãe, infelizmente, eu preciso.

– Você não vai falar mais nada não, Eurico? Faça nossa filha ficar aqui!

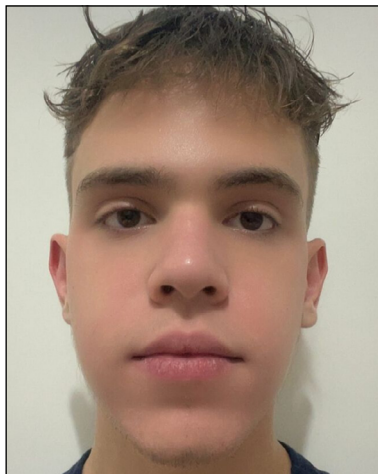
O homem estava fitando a quina da mesa com os braços cruzados, atormentado por não poder fazer nada. Não queria fazer a filha sofrer, mas como garantir a estabilidade financeira e a segurança das outras? Como pai, não sabia o que fazer, estava aflito, se corroendo por dentro! Em meio a essa luta psicológica, resolveu respeitar a decisão de sua filha.

– Vera, não queria que as coisas fossem assim, diz Eurico. Creio que teremos de acatar a decisão de Lúcia. Infelizmente, ela está certa.

A mãe se vira a ele com o rosto encharcado, ela observa aqueles mesmos olhos bondosos e cheios de ternura, porém repletos de tristeza e dor. Eurico se levanta e abraça as duas também, aproveitando o que pode ser um dos últimos momentos de afeto com sua primogênita.

Parte II – Minicontos

Trauma



Escrito por
João Augusto Gomes Mascarenhas

Texto inspiração: *Shirley Paixão*
(Conceição Evaristo)



O monstro atacou, a menina gritou, ela a protegeu,
mas a dor continuou.

Outra vida, outro lugar



Escrito por
Pedro Henrique Assunção Ferreira

Texto inspiração: *Regina Anastácio*
(Conceição Evaristo)



Só se tornou rei o nobre que deixou o trono de rei para ter sua rainha.

Amor além da vida



Escrito por
Isabela dos Santos Calado

Texto inspiração: *Regina Anastácio*
(Conceição Evaristo)



O amor deles foi mais forte, superou o preconceito, e até mesmo a morte.

Cor “diferente”

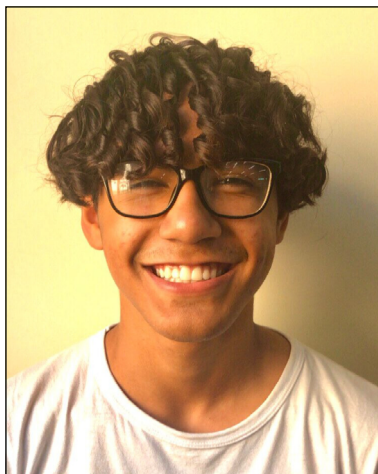


Escrito por
Nicolas dos Santos Caramalac

Texto inspiração: *Rose Durseis*
(Conceição Evaristo)



A realizada bailarina dançava alegremente, enquanto se lembrava de tempos passados e difíceis, em que alguns daltônicos a impediam de sonhar.



Escritos por
Gabriel Baldonado Santana

Texto inspiração: *Mary Benedita*
(Conceição Evaristo)

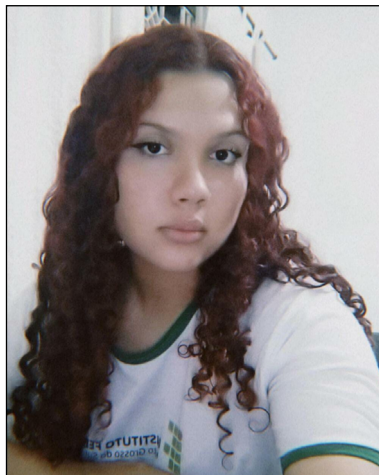


A arte

Era uma bela obra de arte, pessoas se perguntavam, se era apenas tinta vermelha.

O quadro

Um quadro, pintado com a tinta orgulhosa que sai de mim.



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi

Texto inspiração: *Mary Benedita*
(Conceição Evaristo)



Com sangue nas mãos e correndo pelos seus braços, tomada de um sentimento intenso e sem palavras, Mary pintava.

O voto feminino em miniconto



Escrito por
Isabela dos Santos Calado

Texto inspiração: *O voto feminino*
(Josefina Álvares de Azevedo)



A luta delas foi brava e resistente, mas não o suficiente para libertá-las.

A exatidão equivocada

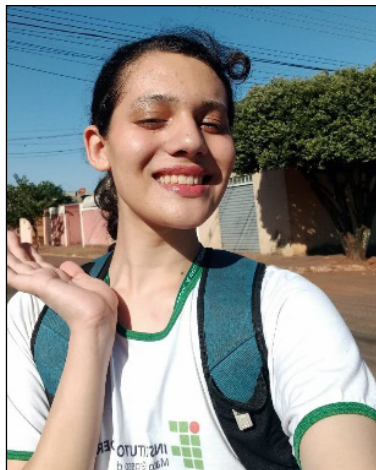


Escrito por
Isabela Amorim Leite

Texto inspiração: *O voto feminino*
(Josefina Álvares de Azevedo)



E pela primeira vez a matemática não sabia explicar como a minoria possuía mais que a maioria. E sempre foi assim.



Escrito por
Dara Massuda Artero

Texto inspiração: *O laço azul* (Júlia Lopes de Almeida)



Enjaulado pelo “gracioso” laço de fita, o coração ardia muito mais do que a pele com ácido nítrico.

Parte III – Poemas



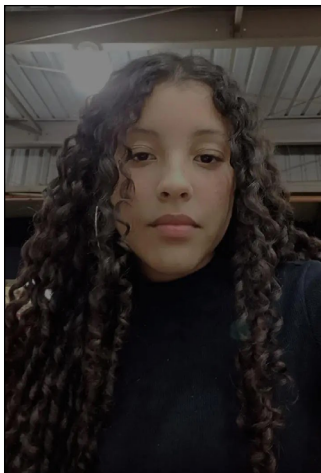
Escrito por
Camila Rodrigues Cunha

Texto inspiração: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*



Uma úlcera no meio da cidade
Cheia de fome, violência e vulnerabilidade
Lugar de marginalização
De miséria, racismo e violação
Três filhos e uma mãe solteira
Símbolo de resistência ao meio da sujeira
Como um quarto de despejo, tudo lá é jogado
Um descaso social, viver se torna pesado
Sobreviventes, vivendo com cautela
Isso são relatos de uma favela

Importante



Escrito por
Maria Luiza Fernandes Silva de Souza
Inspiração: A vida de Maria Firmina dos Reis



11 de março de 1822
mais uma criança nasce
eles perguntam:
– ela será importante?

Maria Firmina dos Reis
Maranhense, Brasileira
Mulher, Negra,
entre o machismo e o racismo

filha de escrava
contra a escravidão
educação igualitária
mestra régia

romancista, não no amor
escritora e educadora
até musicista
cânone literário brasileira

o clássico “Úrsula”
amor idealizado
e “A Escrava”
mulher idealizada
11 de novembro de 1917
mais uma pessoa morre
eles perguntam:
– Ela foi importante?

Parte IV – Artigos de Opinião

Quadro de despejo: Diário de um país faminto



Escrito por
Fernanda Nogueira Tashima

Texto inspiração: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*
(Carolina Maria de Jesus)



A insegurança alimentar é uma das questões controversas da contemporaneidade. Em um mundo globalizado e tecnológico, tal necessidade biológica deveria ser a primeira a se suprir, mas enquanto são apresentadas políticas contra o desperdício de comida, pessoas passam fome em todos os lugares.

O Brasil é um grande produtor e exportador na rede alimentícia, mas em contrapartida, ainda tem seu lugar no

Mapa da Fome, e o grupo mais afetado por tal problema social e posicionamento público é a parcela indigente e preta. O pior é sabermos que, no final da produção, tudo será exportado para as mesas de pessoas que nunca vimos ou conhecemos: o real alvo de preocupação da nação é o público estrangeiro, tratado como superior à sua própria população.

Temos como paisagem diversos hectares de pasto, utilizados para nutrir o gado e cultivar a soja dos latifundiários, que se acham tão grandes quanto suas plantações, e com o ego maior ainda, fomentado por um Estado destruidor do próprio nome, enquanto o operário, chamado de “mão-de-obra barata” trabalha com uma carga horária de 60 horas semanais, a fim de conseguir fornecer o mínimo à família: comida.

Tal situação já é, inclusive, prevista pela lei nº 11.346, ao criar o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada, e, pelo visto, nem o Poder Judiciário cumpre sua norma de significativa importância, tratando-se de necessidades fisiológicas da população.

É revoltante presenciar tal desserviço, visto que o Estado tem como dever garantir as necessidades básicas dos cidadãos, não podendo se portar como uma empresa e visando lucro através da produção. Ao serem eleitos pelo povo, governantes devem servir à sociedade, e isso não é o que está acontecendo. Tal situação se mostra óbvia no cotidiano do proletariado ao consumirmos produções artísticas desses indivíduos, como o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, um diário escrito por uma mulher preta e periférica. Nele são expostas, de uma maneira muito particular, situações da

vida da autora, negligenciada pelo poder público, com baixa renda, três filhos para criar e um mundo, no mínimo, cruel. O que mais incomoda nessa obra é o quanto a própria estrutura estatal poderia utilizar sua influência para incentivar agriculturas e comércios familiares, que são os principais fornecedores dos alimentos consumidos pelas famílias brasileiras, ao invés de fomentar a máquina da desigualdade, privilegiando aqueles com melhores condições de vida, e ignorando quem precisa de ajuda, como a narradora e outros milhares no país.

É necessário também evidenciar o outro lado além do biológico da insegurança nutricional: é uma questão de dignidade humana. Sentir fome não se limita apenas ao vazio no fundo do estômago, mas à perda de forças, o escuro nos olhos, o sumiço da vontade de estudar e trabalhar. Nos dias atuais, por exemplo, não é incomum encontrar casos onde crianças frequentam as aulas apenas pela merenda. Privar grupos desse tipo de direito, causa distância e marginalização social, renovando o ciclo de exclusão devorador de pessoas do meio da indigência. Não há desculpas, devemos combater e estimular a aniquilação dessa problemática tão antiga, quebrando essa roda gigante desumana e dolorosa.

Sabendo disso, onde estão os políticos, suas campanhas e os legisladores em meio a tudo? É absurdo viver em um mundo onde a abundância intelectual, tecnológica e material são pregadas como sermões semanais, e ainda nos depararmos tantas vezes com casos de privação alimentar. Dessa forma, é essencial continuar colocando o assunto em pauta e cobrar o cumprimento de promessas políticas, pois apenas o governo tem o poder de movimentar a mudança na estrutura do sistema, fiscalizando a efetivação

das leis, aquecendo o mercado para o pequeno produtor e promovendo campanhas de real importância, já que sem tais incentivos, a população estará de mãos atadas frente às grandes empresas e ao mercado capitalista, continuando a escrita da história da nação que repudia seus protagonistas.

10 anos da Lei de Cotas: como as premissas da política se mostraram na prática?



Escrito por
Thales Partel Balduino Oliveira

Texto inspiração: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*
(Carolina Maria de Jesus)



Completando 10 anos de promulgação em 29 de agosto de 2022, a lei N° 12.711, ou Lei de Cotas, tem mostrado sucesso em cumprir com seus objetivos propostos no que tange à mudança do perfil demográfico dos ingressantes nas universidades públicas.

De início, creio ser importante definir as cotas para as segregar da ideia de serem um mecanismo de “admissão de pessoas menos inteligentes, menos esforçadas”, discurso

recorrente em nome da meritocracia. Fato é que são políticas de prevenção, ou reparação, da desigualdade social em benefício de grupos discriminados, excluídos. Ou seja, atuam na tentativa de tornar o processo seletivo um pouco menos desigual, considerando que, na hora do exame, entram em jogo não só a “inteligência” de cada candidato, mas a sua posição social.

No mais, o perfil demográfico dos ingressantes nos 8 *campi* da Universidade de São Paulo (USP) em 2021 revela como as ações afirmativas têm contribuído para aumentar o acesso de pretos, pardos, indígenas (PPI) e estudantes da escola pública (EP) ao ensino superior. A porcentagem de alunos matriculados advindos da rede pública foi de 51,7%, e de 44,1% pertencentes à categoria PPI. Valores inéditos, que aumentaram em consonância com a ampliação da quantidade de vagas alocadas para esses grupos desde 2017, ano de início da política na USP.

Mas afinal, alunos ingressantes por meio de cotas conseguem acompanhar os de ampla concorrência (AC)? A resposta é sim. Em contrariedade com o posicionamento de que calouros cotistas entram na universidade sem preparo para o ensino superior, o estudo conduzido em 2021 pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) mostra que a diferença da nota de ingresso de candidatos AC para candidatos EP e PPI não se traduz no coeficiente de rendimento dos alunos de cada grupo durante a graduação, mesmo nos cursos de alta demanda, como medicina ou direito.

Por fim, deixo clara a minha posição de que as ações afirmativas, as cotas, em especial, são importantes aliadas na tentativa de aumentar a participação de grupos excluídos em questões sociais fundamentais, como a participação no

processo político, a chance de ascensão socioeconômica, o acesso à saúde, à educação: dar o devido espaço para quem o teve negado. Importante, contudo, é uma apreciação de seus impactos a partir de uma perspectiva de longo prazo, considerando a complexidade de um processo de reparação histórica e atenuação de desigualdade social.

Machosfera (Manosphere): um conjunto de mazelas da internet

Escrito por

Kelvin Daniel da Boa Morte Cardoso

Texto inspiração: *O derivativo* (Carmen Dolores)

Machosfera se trata de todo um ecossistema pernicioso, funesto e daninho, no qual homens de cunho fétido creem que têm direito de opinar em complexos fora de seus locais de fala. A princípio, os termos atribuídos aos que integram o movimento aparentam ser demasiados, entretanto, quaisquer adjetivos negativos que eu integre ao meu dialeto ainda serão insuficientes para classificar os homens dessa índole, e por mais que eu também não tenha local de fala, afinal, não sou uma mulher, não há escassez ou carência de motivos para prestar queixas e me posicionar contra indivíduos pútridos como os que englobam o movimento em questão.

A situação é extremamente abstrusa, considerando que, não estou apenas me referindo a machistas, mas também, a pessoas, que usufruem de linguagem supremacista branca e estabelecem “regras universais”, entremeadas ao

agrupamento em questão. A machosfera é, meramente, uma tradução do termo *Manosphere*, uma bolha na internet na qual homens frustrados apregoam e alastram discursos hostis, reduzindo as mulheres a um papel reprodutivo e compartilhando um vocabulário misógino e racista. Além disso, essa porção de homens discursa que o racionalismo é fruto do sexo masculino e conferenciam tópicos já desmentidos pela área de humanas, mostrando que serão aprovados em quaisquer instituições de ensino com o máximo de aprovação.

Em *RedCast*, Gabriel Breier, membro da machosfera, afirma: “A mulher está no mundo para acompanhar o homem. Se você entra no propósito dela, você é mulherzinha”. Em contraparte, eu afirmo que Kathrine Switzer não precisou de acompanhamento de um homem ao ser a primeira mulher a participar da Maratona de Boston enquanto tentavam impedi-la de correr; assim como Nadia Comaneci não precisou de acompanhamento ao ser a primeira mulher a conseguir nota 10 nos Jogos Olímpicos. Mary Winsor precisou de acompanhamento de um homem ao protestar por liberdade em 1970? Talvez aí esteja o problema! Deve ser muito frustrante ver mulheres independentes e fortes o suficiente para lutarem por liberdade, notar a desigualdade intelectual entre você e elas, e concluir que somente a profusão de discursos de ódio são a solução para a sua frustração. Pensamentos retrógrados, como a frase em questão, são frutos de todo um machismo estrutural, ainda presente, erroneamente, em várias famílias. Porém, salientar uma mentalidade arcaica e equivocada como um indivíduo formado é apenas burrice. Muito provavelmente, você apenas deseja uma mulher do seu lado para compensar tamanha falta de raciocínio, senso e cérebro.

As mulheres conquistaram profusos direitos nas últimas décadas através de abundantes pugnas e prélios, porém, mesmo com múltiplos esforços, ainda se situam em uma posição desvantajosa, em razão do machismo abundantemente enraizado na sociedade atual. Os direitos obtidos pelas mulheres, para os indivíduos nauseabundos da machosfera, geraram infortúnios discrepantes, mas isso não faz sentido. Primeiramente, as batalhas femininas em finalidade de direitos não se baseiam em uma superioridade ou uma exata igualação aos homens. Não há reivindicações para que elas recebam salários maiores do que os homens, por exemplo. “A ideia de igualdade não significa direitos iguais. Se você acreditar que sim, usarão isso contra você. Irão auto permitir o direito da violência, mais do que ela ocorre hoje em dia. Eu não quero alistamento obrigatório para ninguém. Eu não quero que a Lei Maria da Penha exista, assim como eu também não queria que ela se fizesse necessária. Eu não quero que homens apanhem de mulheres, assim como eu nunca quis que mulheres apanhassem de homens. Mas isso nunca foi uma escolha. Eu não quero que a violência seja modificada, eu quero que ela seja abolida. Mas talvez a socialização dada aos homens não permita a eles essa perspectiva” – Apontamento de Larissa de Luna em “DIDÁTICO: o feminismo e a luta por EQUIDADE de gênero”. Além disso, existe sim uma discrepância, mas quem se favorece com a tal são os homens. Com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do IBGE, as mulheres ganham, em média, 20,50% menos do que os homens, mesmo que o nível de escolaridade, local de ocupação e idade sejam os mesmos, um fato que retrata só mais um exemplo da desigualdade e do machismo que perdura.

Em 1791, Olympe de Gouges, uma revolucionária francesa, foi decapitada por ter contraposto a Declaração dos Direitos Homem e do Cidadão com a escrita da Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, e atualmente, há, em média, 180 casos de estupros de mulheres por dia no Brasil, enquanto um feminicídio a cada 7 minutos. Iniquidades estão escancaradas, o que só me decepciona mais. No século XVIII é onde se observou a primeira onda do feminismo em busca de direitos e hoje, em pleno século XXI, me entristece tamanha desigualdade em tantos complexos, sejam políticos, sociais e econômicos. “Mas e quantos aos homens?”. De acordo com “Atlas da Violência 2020 do IPEA”, os homens são 92% dos autores de homicídios no Brasil, e por mais que também correspondam a aproximadamente 91,8% das vítimas de homicídio, de acordo com o site *exame.com*, os responsáveis pelos homicídios foram, em grande maioria, os homens. Sendo assim, em suma, quem matam a maioria dos homens, são homens; quem violenta a maioria das mulheres, são homens; e assim, nota-se que, frequentemente, e quase sempre, o agressor é um homem, mas a grande diferença é notada no fato de que as mulheres são vítimas por serem mulheres.

Com tudo, conclui-se que ainda há muito que abran-ger nas lutas contra o machismo e que, de fato, a machos-fera compreende seres desprovidos de raciocínio lógico. O agrupamento, como um todo, agrega argumentos fundados em bulhufas, contrariando até mesmo a história, as ciências, a psicologia e outros campos de ciências humanas. Não há maneira de ficar surpreso com isso, considerando que os homens do movimento usam até o termo *capivara* para se referir às mulheres, mas o nível é tão baixo que,

no final das contas, fico até com pena. Em acréscimo, eu confirmo: A machosfera se trata de todo um ecossistema pernicioso, funesto e daninho.

Os desastres do capitalismo



Escrito por
Karen Gota Gonçalves Rocha

Texto inspiração: *O derivativo* (Carmen Dolores)



O capitalismo, infelizmente, segue sendo nosso atual sistema econômico, que tem como objetivo a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, o qual se encontra na mão de empresas que contratam indivíduos para mão de obra em troca de pagamentos.

Começo manifestando que esse sistema é o maior fracasso e catástrofe já implantado em nossa sociedade. Um sistema no qual temos divisões de classes de forma extre-

mamente desigual, desumana e cruel, com sua principal marca na exploração surreal do homem pelo homem.

De acordo com dados reais do nosso próprio país, há porcentagens que divulgam que menos de 1% da população brasileira é rica, e pelo menos 24,9% dos brasileiros vivem na pobreza. Em vista disso, não é preciso muita capacidade para perceber a desigualdade imensa que temos e vivenciamos de forma cotidiana, não só trazendo uma colossal desigualdade, como também influência em diversos fatores políticos. Países com opiniões contrárias a esses insanos pensamentos fajutos de ganho excessivo são covardemente afastados economicamente do resto do mundo, fazendo com que não só uma pessoa seja prejudicada, mas um país por inteiro.

Cuba (país que sofreu e sofre até hoje nas mãos dos Estados Unidos), por exemplo, vivenciou um rigoroso embargo econômico em 1958, desfrutando de efeitos negativos até hoje para a população cubana.

Uma vez que falo dos Estados Unidos, comentarei também sobre como tal se propaga com uma imagem de lugar bem-sucedido e tecnológico por esse sistema econômico, todavia não passa de um território liderado pela ganância que dizimou, matou e desamparou milhões em diversas guerras e invasões a países menores.

E qual a causa do capitalismo funcionar tão bem para esse país?

Responderei usando conflitos armados que ocorreram no decorrer dos anos, sob liderança dos Estados Unidos. Como a invasão no Iraque, um massacre remetido a um país que sofreu com um conto descabido a respeito de ar-

mas químicas, cuja veracidade jamais foi comprovada. Além disso, houve a Guerra do Afeganistão, que teve duração de duas décadas, deixando um legado de destruição na infraestrutura da nação e contribuindo para o aumento no nível de pobreza do país. Nesse contexto é bom lembrar sobre as bombas de Hiroshima e Nagasaki, como também a invasão no Vietnã na década de 60, na qual a população local sofre com sequelas que continuam em nossa atualidade.

Com essas informações compreende-se que os Estados Unidos são tão equilibrados economicamente por serem um país genocida. Nesse sistema, territórios só prosperam quando se é imperialista, ou seja, promovendo a expansão em outra nação, seja ela cultural ou territorial.

O assunto que quero chegar é que o capitalismo destrói países, populações, famílias e indivíduos, não importe o que você realmente seja, caso seu pensamento ou opinião for contrária a uma exploração e expropriação impiedosa, você será extremamente prejudicado. Se, porventura, não tiver um posicionamento parecido, irá ser pego pelas garras da desigualdade da mesma forma, exceto se, claro, sua família possuir uma abundante riqueza obtida pela exploração de proletários negligenciados e esgotados.

Digo e repito que o capitalismo se sustenta pelo desespero e miséria dos mais desprovidos de poder.

Finalizo assim com a inesquecível fala do historiador João Carvalho: “O Capitalismo falhou, falha e falhará em cada uma das sociedades aonde ele colocar seus tentáculos que se baseiam na expropriação e exploração do homem pelo homem”.

Preso em um só coração



Escrito por
Kamily Dorileu Nantes

Texto inspiração: *O derivativo* (Carmen Dolores)



A dependência emocional, uma condição cada vez mais presente em nossa sociedade, é caracterizada pela busca constante de aprovação e validação dos outros, o que gera um alto grau de vulnerabilidade emocional. Em resumo, o conto *Derivativo*, presente na obra *Um drama na roça*, faz menção a uma grande dependência emocional de um relacionamento de Laura com o seu esposo, trazendo à tona a dura realidade de muitos relacionamentos.

De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a dependência emocional afeta cerca de 10% da população mundial, sendo mais prevalente entre as mulheres. Isso traz negativas, pois atualmente a sociedade apresenta um alto nível de descaso com as pessoas que passam pela submissão emocional. Tem-se como ponto de vista que é muito fácil sair da submissão, mas vale ressaltar a tamanha dificuldade que o indivíduo encontra ao tentar romper laços afetivos, quando você não se sente suficiente sozinho.

Dependência emocional não é amor, a escritora e autora Clarissa Correa afirma que “Porque quando você ama sente necessidade da outra pessoa. Não por dependentes, carência e outras ciências. Mas porque é bom estar ali, com o corpo junto, coração do lado ouvindo a respiração. Você se sente em casa”, dependência é quando você coloca alguém no centro da sua vida e acredita que sem ela não tem como ser feliz. É quando você não consegue trabalhar, estudar, porque deseja ser totalmente disponível para aquela pessoa; é quando você fica angustiada, ansioso e colado no celular esperando uma mensagem! É quando seu dia ou seu humor dependem totalmente do quanto de atenção você recebe daquela pessoa.

O filósofo Kant argumentava que devemos buscar a felicidade, não através da dependência emocional, mas sim através da razão e da ética. Quando você permanece em lugares que não te fazem bem, mas dos quais você não consegue sair, quando você vive a dor de um término que nem sabe se vai acontecer, também são características de uma grande submissão emocional. Então não devemos confundir amor e dependência, o amor é leve e te liberta, enquanto a dependência é dura e te aprisiona.

Referências

ALMEIDA, J. L. de. O laço azul. *In: A isca*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.

ALMEIDA, J. L. de. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, n. 9453, p. 1, 23 ago. 1910.

AZEVEDO, J. A. de. O voto feminino. *In: A mulher moderna*. Brasília: Livraria do Senado, [s.d.]. (Coleção Escritoras do Brasil). Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/563266/A_mulher_moderna.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

DINIZ, F. S. da M.; DINIZ A. A. *A judia Raquel*: romance original de costumes. Brasília: Livraria do Senado, [s.d.]. (Coleção Escritoras do Brasil). Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/577920/A_judia_Raquel.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

DOLORES, C. *Um drama na roça*. Senado Federal, 2021.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HELLMANN, R. M. *Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque*. 2015. Tese (Doutorado em Literatura) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960; Ática, 1993.

JOE, P. B. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 fev. 1908.

LOPES, M. A. G. *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*. São Paulo: Ateliê, 2001.

REIS, M. F. *Úrsula*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

REIS, M. F. *A escrava*. In: *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

Posfácio



Os autores que compõem esta obra são estudantes do Ensino Médio, adolescentes apaixonados por Literatura, e que despertaram o desejo de trazer à baila histórias de vida e obras de autoras que simplesmente caíram no esquecimento com o passar do tempo. Um grande senso de justiça e consciência social são elementos marcantes em comum entre os jovens autores, que tiveram a oportunidade de realizar esse resgate cultural na obra em foco. Esta coletânea é de suma importância, pois possibilita aos leitores ter acesso a um material de alta qualidade, preparado cuidadosamente a partir de coleta de informações, rodas de leitura, discussão e produção textual, resultado de um belíssimo trabalho em conjunto com uma equipe docente engajada em questões de relevância social. E por toda esta jornada, por todas as vidas, de lutas, de silêncios e de sobrevivências que nos precederam e que oportunizaram nossa (re)existência (afinal, tod@s também, assim como na vida, viemos por e de mulheres), nosso agradecimento transborda os limites dessas páginas.

Por todo interesse, por todo esforço, pela ideia inicial, pela emoção e pelo trabalho de reler, revisar, builar e aprimorar, pela oportunidade aberta nesta obra:

obrigad@! A tod@s e a cada um em particular, e a você que de coração nos leu e sente o que em nós já é promessa, agradecemos a leitura e firmamos um pacto: nossa história por aqui encontra o fim no próximo ponto mas não acaba(rá). Até a próxima!

Prof^a Ma. Danyelle Almeida Saraiva
Prof^a Ma. JABO - Jaqueline Alonso Braga de Oliveira

Organização



Andréia Dias de Souza
Doutora em Estudos Linguísticos
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Flávio Amorim da Rocha
Doutor em Letras
Professor EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Mestra em Letras
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



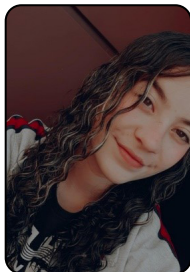
Danyelle Almeida Saraiva
Mestra em Letras
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Fernanda Nogueira Tashima

Estudante do sexto semestre do Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica no IFMS

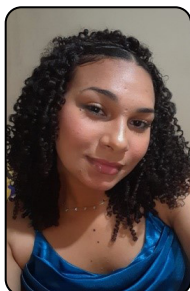
Campus Campo Grande



Allyce Ricardo Nantes Lopes

Estudante do sexto semestre do Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica no IFMS

Campus Campo Grande



Ariane Raissa Dos Santos Maldonado

Estudante do sexto semestre do Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica no IFMS

Campus Campo Grande



Camila Rodrigues Cunha

Estudante do quarto semestre do curso de Ensino Médio Técnico Integrado em Mecânica no IFMS

Campus Campo Grande



Karen Gota Gonçalves Rocha

Estudante do sexto semestre do Ensino Médio Técnico Integrado em Eletrotécnica no IFMS

Campus Campo Grande

Ilustradores



**Danillo Henrique Ibrahim
Fontoura Tavares**



Karen Gota Gonçalves Rocha



Juliana Pereira de Jesus



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

Apaio:

Fundect

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

ISBN 978-65-85640-03-9



9 786585 640039

Damas Literárias

*Pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história*

Volume 1

Projeto de pesquisa com objetivo de contribuir para a igualdade de gêneros na sociedade por meio da prática de leitura e produção textual.

A partir da leitura de obras literárias de autoria feminina, que muitas vezes são/foram esquecidas pela sociedade, promovemos a produção de textos autorais dos estudantes do IFMS, disseminando, assim, discussões e reflexões a respeito do papel da mulher na sociedade atual e contribuindo para a erradicação de todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas.

Apoio:

Fundect
Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Científico e Tecnológico do Estado de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

editora **ECO**
Didática

ISBN 978-65-85640-03-9



9 786585 164003 9